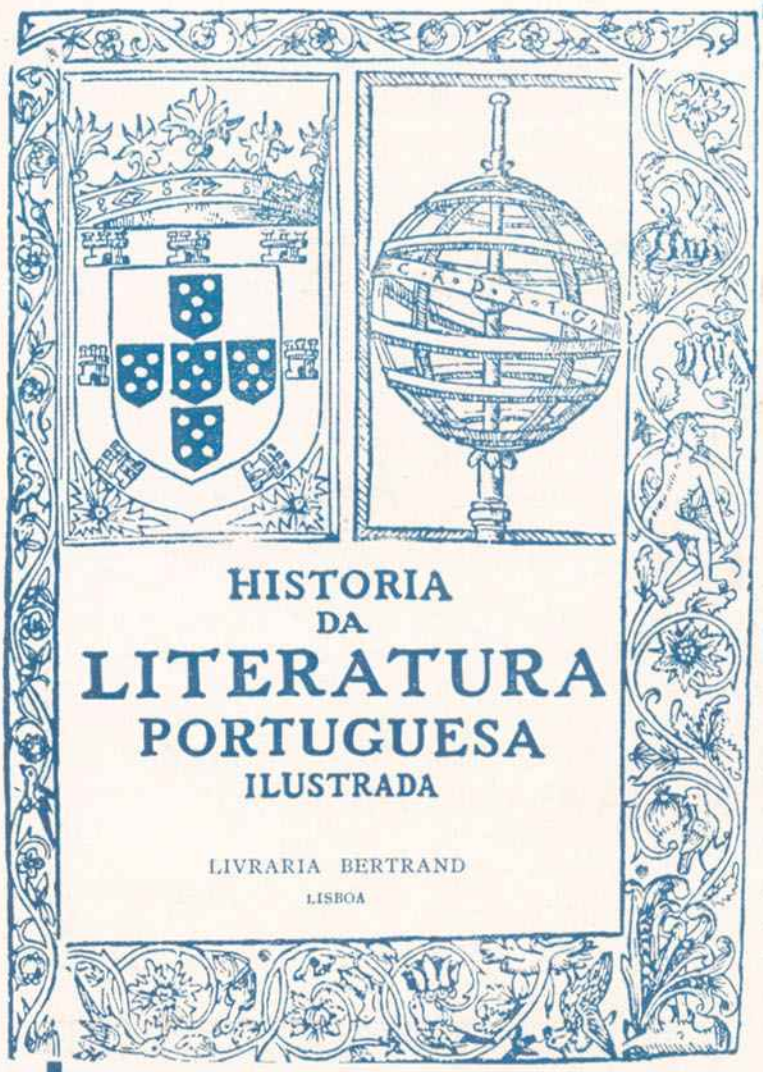
ILUSTRAÇÃO

16 - Agosto - 1932 N.º 16 — 7.º Ano Preço - 5 esc.



A saír brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30$00	59$00	118$00
		REGISTADO	
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34$50	67$00	132$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36$00	79$00	138$00
ESTRANGEIRO	37$00	72$00	142$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . 10$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

FONSO LOPES VIEIRA, escritor.
FONSO DE DORNELAS, da Academia das Sciências de Lisboa
GOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Sciências, professor.
GOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
LVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da Rèpublica.
NTÓNIO BAIÃO, da Academia das Sciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
UGUSTO GIL, da Academia das Sciências, director geral das Belas Artes.
IRITO CAMACHO, escritor.
ARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Sciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
RISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Sciências de Lisboa.
OELHO DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa.
UGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
ENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Sciências, director do Arquivo Histórico Militar.
UALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Sciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Sciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Sciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Sciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Sciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Sciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Sciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P M. LARANJO COELHO, da Academia das Sciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Sciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... ... ... 10$00

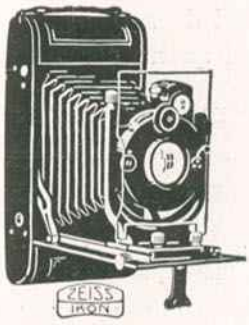
Interessam-lhe as suas fotografias?

Empregue a super-pelicula

GEVAERT

SEMPRE IMITADA MAS NUNCA IGUALADA

SUPERCHROM ANTI-HALO



Grão finissimo para as grandes ampliações

APARELHOS FOTOGRAFICOS DAS BOAS MARCAS

TRABALHOS PARA AMADORES

Para fazer boas fotografias basta lêr o nosso manual que se remete contra 1 esc. em estampilhas

GARCEZ, L.DA — Chiado, 88 — LISBOA

BEBER SAUDE!...

É durante a epoca dos grandes calôres que as digestões se fazem com mais dificuldade. Previnam-se V. Exas. contra as enxaquecas, azia, dilatação do estomago, etc., tomando saes de fructo "Eno".

"Eno", é um pó efervescente, levemente laxative, que regularisa as funcções do estomago, do figado e dos intestinos. Adicionando-se-lhe um pouco de limão torna-se num refresco ideal, agradavel e salutar.

Beber "Eno", é beber saude, é beber alegria! Sessenta anos de sucesso garantem a sua eficácia.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e á noite.

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Cº, Ltd.**
8, Caes do Sodré, LISBOA.

P.G. 1

Congestionado pelo calor

Muitas vezes a excessiva pressão atmosférica altera a circulação do sangue dando origem a uma congestão. Em taes casos a prudencia aconselha recorrer á

CAFIASPIRINA

que tem a admiravel qualidade de regularisar a circulação do sangue, restabelecendo o equilibrio orgánico e proporcionando uma sensação de bem estar e saude.

BAYER

Faça um ensaio e ficará convencido!

O PRODUTO DE CONFIANÇA!

PORTUGAL DE ALGUM DIA

por ROQUE GAMEIRO e MATOS SEQUEIRA

CENAS, COSTUMES E USOS DE OUTRO TEMPO

Obra em 2 vol., num total de 240 paginas de texto, 122 estampas sendo 31 a quatro côres e 91 a preto

Reproduções de formosissimas aguarelas de Roque Gameiro

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

a) Pagando por uma só vez a obra . . . . . **250$00**
b) Pagando em duas prestações, no principio dos 2 volumes ou seja por ocasião da distribuição do 1.º e do 8.º tomo . . . . . **270$00**
c) Pagando tomo a tomo (20$00 cada) . . . . . **300$00**

Os tomos serão publicados mensalmente

Pedidos de assinaturas á administração do "DIARIO DE NOTICIAS" na sua Filial, sucursais e agencias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

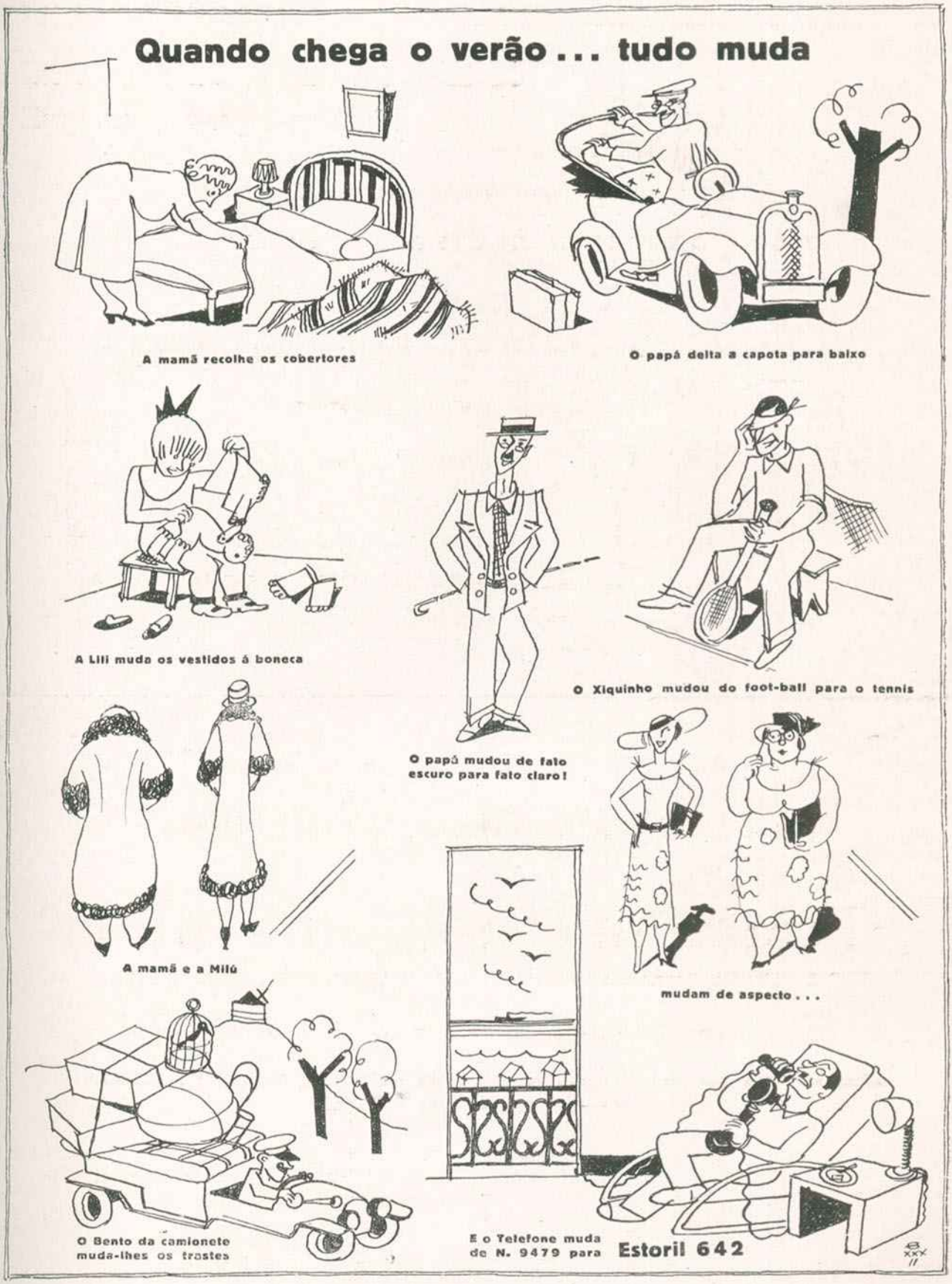
POR **D. EMILIA DE SOUSA COSTA**

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantissimas ilustrações de ALFREDO DE MORAIS

O noivo infeliz — A cabicanca — Beijo maldito — Caluberbriga — Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou! — No reino dos macacos — Lauro é! — O galego espertalhão — A moura Cassima — O sabichão — O irmão burro — Maria da extravandia.

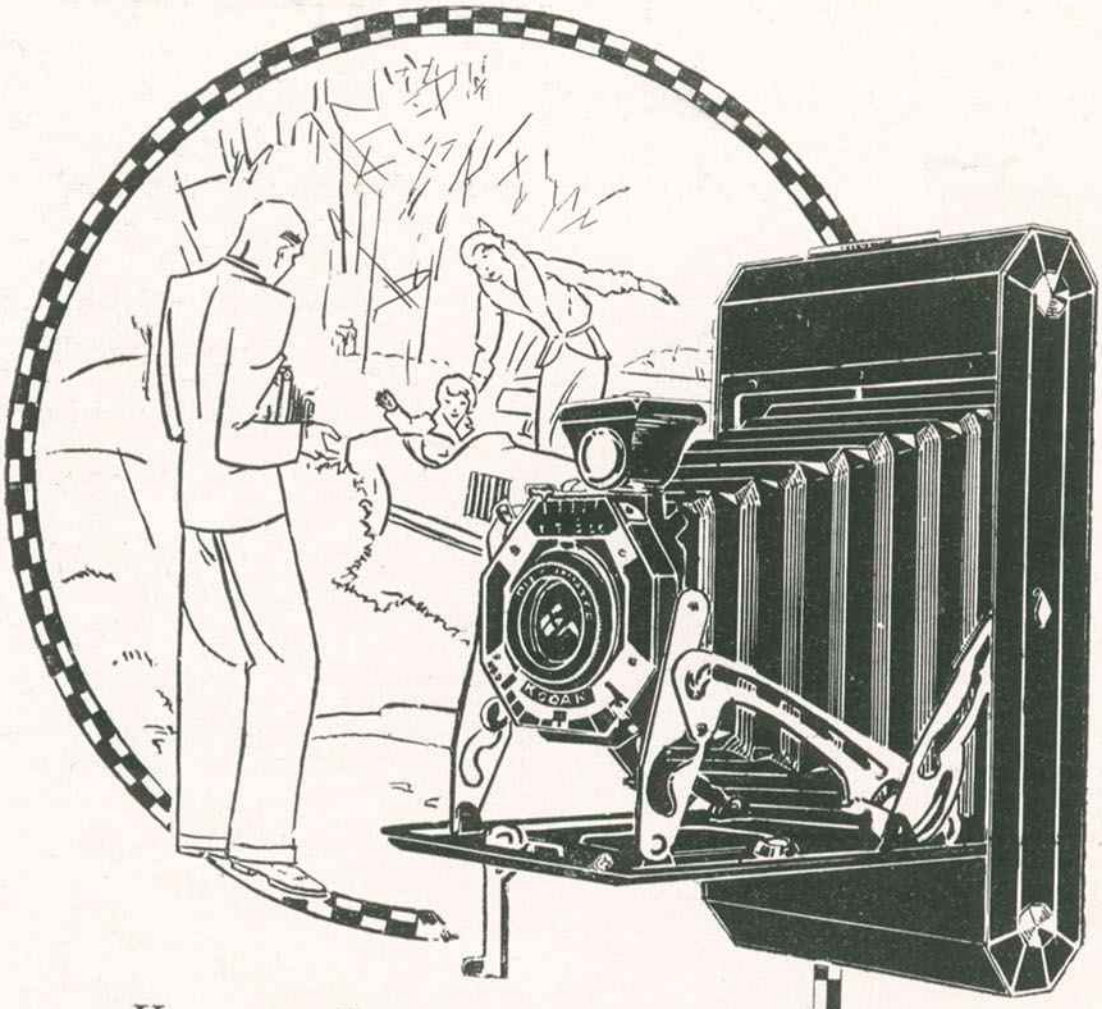
Preço 5$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 e em todas as livrarias



A Companhia dos Telefones chama a atenção do publico e dos seus assinantes para as tarifas a uzar no campo e nas praias durante os mezes de verão.

Leve o seu telefone para as suas férias...
Não deixe a familia abandonada sem telefone...
Informe-se na RUA NOVA DA TRINDADE, 43 — LISBOA



Uma grande novidade Kodak

Modernismo... é a nota saliente do novo «Kodak» — absolutamente ao gosto da época na elegância rectilínea das suas linhas, na sóbria originalidade das suas decorações.

Mas o «Kodak» Six-20 é tambem moderno nos aperfeiçoamentos que o tornam um aparelho cómodo, de reduzido volume e... principalmente, duma admiravel simplicidade de manejo.

Como é rápido o seu funcionamento! Como são nítidas as suas fotografias, obtidas tão facilmente, mesmo por aqueles que façam pela primeira vez uso dum «Kodak»! Vá hoje mesmo a qualquer boa casa de artigos fotográficos e peça para ver o

"Kodak" Six-20

De manhã... ou á tarde...
Com sol... ou á sombra...
Mesmo em dias de chuva...

use Pelicula Verichrome

Fabricada exclusivamente por «Kodak»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

N.º 16 — 7.º ANO

16 · AGOSTO · 1932

Crónica da Quinzena

Uma canícula assim prolongada não lembra às gentes de Lisboa. Três dias e três noites consecutivas de estufa era o usual das vagas de calor. Quatro ou cinco, em cada verão, serviam para animar o clima de cambiantes, e cortar-lhe a monotonia, como as ondas de frio no inverno com igual duração, vinham para evitar a sensaboria do morno permanente. Completar uma semana de torreira, entrar pela segunda, está fora das previsões, altera os costumes locais. Daí as surpresas que o natural recolhido do habitante oferece, aparecendo onde ninguém o via, praticando actos pouco do seu agrado. O lisboeta sisudo saíu da sua tóca e à noite espraia-se pelas avenidas, procura as esplanadas, senta-se, bebe refrescos, rumoreja, procedendo tal qual o europeu corriqueiro de outras latitudes. E as Donas que dentro do seu tempêro cordato e sério procediam como mouras, aferrolhando-se em casa, também se aventuraram a pousar junto das mesas em que os homens gastam aquelas horas tranqüilas, doces e indistintas, sem serem noite de dormir, nem dia de trabalhar, por outros povos consideradas as melhores para conviver. Panorama novo, estranho, quando se depara com êle de improviso. Quási leva a suspeitar se Lisboa não transtornaria do tino. A impressão esvai-se depressa. Em um instante reconhecemos que nada se alterou. A sisudez, quási soturna, usada a título de recato pela matrona e donzela burguesa, lá está no pleno da sua compostura de uma castidade asfixiante. Olhos baixos, bôca calada, ouvindo o conceituar da loquela masculina, vê-se que saíram e aparecem por motivo do calor atmosférico, não pelo de contribuir e partilhar da alegria transbordante de uma conversa.

Mesmo assim, bemvindas sejam. Basta a sua presença para abrir claridades nos ajuntamentos e quebrar o tom sinistro neles impresso pela costumeira dos ribeirinhos do Tejo. Trouxeram-nos essa compensação os trinta e tantos à sombra, teimosos, agarradiços como febre ruim entrada no corpo. Nos terraços, esplanadas, alpendres, adequados ao repouso, já se considera possível ouvir risos de soprano, cortando o vosear de nota grave exclusiva, em timbre de drama, ou de trama, ali habitual. O entôno começará frouxo, sentir-se-á o medo, da falta de experiência. Não importa. Espera-se que mude, que teme alento e desembaraço igual ao de outras regiões do globo. Quisessem-no os homens, os moços em particular, refazendo a índole até se tornarem sinceros, espontâneos, e se despojarem de artifícios insensatos que os transformam em caricaturas de mocidade, e as nossas casas de recreio breve apresentariam a característica aprazível, civilizada, tónica do espírito, que os estranhos lhe notam em míngua.

Classifica-nos de povo triste quem de fora vem a visitar-nos. Essa fama corre mundo, levada pelos que julgam segundo a aparência. Povo triste, da saüdade, do fado, de sonhadores e poetas, contam êles em suas crónicas, onde enfiam rosários de disparates.

Povo bisonho ,sim ; inçado de jovens presunçosos, sem a vivacidade própria dos poucos anos, também. Tristeza interior, produto do ânimo, fenómeno do temperamento colectivo, não. Tristeza pode causar, ao que saiba mirá-los por dentro, vê-los tolinhos, fátuos, embofiados de falsa continência. E quem sabe se o êrro não virá da sua insuficiência de camaradagem com o outro sexo da mesma idade? Só a mulher, com a delicadeza intrínseca da sua compleição, sabe dulcificar e amenizar o feitio do homem. As palavras graciosas, suaves, os gestos comedidos, a agudeza do espírito, o sorriso belo, cultiva-se apenas no encontro repetido, constante dos dois elementos. Cada um para seu lado perdem por atrofia qualidades nobres, esterilizam o melhor do instinto social, adquirindo feitio anómalo ou absurdo.

O português deve a aparência tôsca, mesmo grosseira, ao apartamento em que vive da mulher, no trato singelo da vida. Talvez por isso o amor se apresenta às imaginações como problema complexo de sentido terrível, ou trágico. Ninguém o aceita de animo tranqüilo, ou lhe atribui a condição suave de um perfume, um sabor, som, ou vista agradável aos sentidos, antes o supõe fôrça misteriosa, porque emana do ser desconhecido, o sexo contrário, inimigo, disposto a lutar numa batalha de êxito incerto.

Esta atitude despropositada não provirá dos velhos hábitos, mantidos na firmeza primitiva, as duas sociedades estanques, a feminina num cenáculo, a masculina em outro, sem comunicação amiga nem prática da trivial sociabilidade? Na convivência das duas, a linguagem apura-se, adquire elasticidade, os sentimentos perdem a fereza, tornam-se maleáveis, virtudes estas não encontradas nos que falam e escrevem português.

Sem forçar o testemunho a estabelecer relações de causa e efeito, meditemos na coincidência de uma índole hermética, bisonha, dura e uns hábitos de vida isolada entre os sexos por nós adoptados. Não se ligam, nem se explicam por mútua influência? Ao menos havemos de reconhecer-nos em posse de sistema singular, sem semelhança com o de qualquer outro país europeu. E agora, sem mais interpretar, anotemos que o calor desarrumou da estante caseira e distribuiu por lugares de concorrência pública muitas Donas e Donzelas de estimação. Sentaram-se junto de homens do seu conhecimento, conversaram, folgaram, e com grande surpresa notaram que mácula nenhuma lhes ensombrou a pureza.

Era bem feito que perdessem o medo e continuassem socorrendo com a esmola da sua graça os centros de convívio que dela vivem apartados. Valia a pena sofrer um ano inteiro de calor se daí resultasse a transformação de costumes que, cremos, muito havia de concorrer para modificar a característica do nosso clima social e o feitio taciturno da população.

Sermos uma gente alegre, vivaz, natural, sabendo rir, estar, falar, com tôda a vulgar aparência europeia, parece uma ambição modesta. Pois se o conseguíssemos teríamos feito alguma coisa de notável, capaz de marcar uma época.

Samuel Maia.

SENSAÇÕES A BORDO DO "GOLFINHO"

Enquanto sôbre as águas inquietas do Tejo o sol veste de oiro vivo a renda branca das ondas, num *pizzicatto* dormente, dois aviões descrevem parábolas e curvas de asas tão perfeitamente como as gaivotas sobem e descem num garbo harmonioso, no dia em que o autor destas linhas e os seus particulares amigos, o dr. Campos Coelho e Valério da Costa, nos aprestamos a assistir e tomar parte em todos os exercícios de imersão do submarino *Golfinho*. A manhã desnuda-se tôda num enlêvo heleno, uma manhã musical, álacre, dando aos fundos do Tejo e aos montes da Trafaria e a tôda a curva de alfange da costa do Estoril uma quietude paradisíaca e sonâmbula. O *Golfinho*, que nos recebe gentilmente, mercê da amabilidade do ilustre oficial de marinha Moreira Pinto, seu imediato, e do seu comandante Sales, tem a beleza imóvel dum torpedo cinzento e a tentação sportiva dum sortílego brinquedo do século XX. Tomado contacto com o dôso do navio e apresentados a tôda a guarnição, começamos em pleno andamento a tomar contacto com as mil e uma manobras, duma complexidade simples, que fazem dêsse maquinismo uma fôrça única, tão perfeita e harmónica, como se ela tivesse uma vontade humana. Percorrendo lés a lés todo o interior do navio, o que nos seduz, o que nos perturba, como iniciados, é a perfeição, o equilíbrio, o ritmo perfeito que a máquina mantém à voz do seu comandante e do seu imediato. Dir-se-ia um sêr humano, um sêr consciente que se movesse num capricho sinuoso ou rectilíneo, numa recta, desdenhosa e firme. Prolonga-se a nossa visita e, vindo à ponte de comando, esfuma-se ao longe a Tôrre de Belém, êsse tão vetusto ex-voto manuelino, quieta e dôce como um cisne vestido de cinzento e dormindo junto ao Tejo um sono de sempre, e caminhamos à barra por alturas de Paço de Arcos. Um outro submarino submergiu já, um pouco distante de nós, e isto dá-nos a ante-visão do nosso futuro espectáculo de imersão, para daqui a pouco, sob a carícia de um sol de oiro.

Tem para mim um enlêvo infantil o funcionamento rápido de todos os aparelhos luzidios e limpos, como brinquedos novos. O manómetro mantém-se, entre hesitações, nos números 4, 5, 6 e 7. Por sua vez, tôda a manobra de flutuação e imersão está em volta do clinómetro, aparelho-talisman, aparelho-fétiche, tôda a alma ansiosa da tripulação. Às 2,30 começou a imersão, lentamente, solenemente, dir-se-ia para além de Paço de Arcos.

Dos dois periscópios, pouco a pouco, à medida que o *Golfinho* imerge, a paisagem recurva da linha do Estoril vai-se miniaturando, vai-se diluindo, bem como os montes e a praia da Trafaria e as areias que vão dar ao Bugio.

Num repente, a imersão é já total e só uma luz translúcida, uma luz irreal, coada, entra pelas janelas de vidro, uma luz que é ainda o enlêvo do mundo, a tentação fulva da terra e das coisas que nossos olhos prisioneiros não vêem agora. Enquanto a marcha segue a sua rota as vozes de comando alinham-se, no álbum da nossa memória, como saüdades gémeas:

— Prôa à Trafaria.

— Tantos graus a bombordo.

— 15 graus ao leme, a estibordo! — Mais 50 litros!

— A marcação está por 10 graus.

— 5 graus de leme.

A nossa atenção é um *écran* interior, um cinema de pensamento. Tumultuam no meu cérebro ideias vagas, reminiscências, instantes de outrora, a falsa lembrança de momentos efémeros, um florido caleidoscópio de imagens de alma.

Por tôda a tripulação e por nós, visitantes, passa um desejo de ar livre, de ar puro, de ar liberto, de que nossos pulmões se possam servir libèrrimamente. Mas a manobra demora ainda e o ar quente, o espaço limitado obseca-nos, dá-nos tentações de liberdade inútil. Funciona já o auxílio de ar comprimido, que aliás é logo aquecido, por tanta respiração ofegante e opressa, pois somos cêrca de 31 homens de tripulação e visitas.

A bordo do «Golfinho» — Um exercício de lançamento de torpedo

Às 3 menos 14 da tarde estamos a 7 metros de imersão. E as vozes de comando alinham-se de novo, como soldados de chumbo obedientes, como parcelas numa rápida adição.

— Tudo a bombordo!

— Cobrir os periscópios!

Às 3 menos 5, cobertos os periscópios, até 7, 8 metros, desapareceu tôda a visão da terra e da água, e de nós, agora, só vive a inquietude acima de todos os outros sentimentos. O ar cada vez é mais quente, a respiração torna-se difícil, vive-se numa transpiração constante, que nos dá fria e racionalmente a ideia do emparedado, do encarcerado sem remissão, do homem sem horizonte.

Nunca em meus sentidos senti tanto o desejo pagão, o desejo fulminante da luz, para poder mergulhar nela como num abismo infindo! Às 3 e 30, pouco a pouco, voltamos à superfície, e eis que a luz de há pouco, a mesma luz irreal e translúcida da imersão nos vem afagando a retina opressa e ansiosa, como se os vidros das janelas fôssem olhos que abrissem as pálpebras. A alegria dos sentidos é uma verdadeira aleluia profana. O *Golfinho* volta à superfície, lustroso, metálico, lavado, como um peixe gigantesco, dir-se-ia contente como um nadador, cuja pele brilhante esplende ao sol e donde saíssem instantes redondos de cristal. Escorrem-lhe pelo dôrso gotas de água, perfeitas e brilhantes como pérolas marinhas. De novo a terra, à esquerda Paço de Arcos, à direita a Trafaria batida de sol, numa sonolência mourisca. A meio do rio parámos.

A seguir assiste-se a um novo espectáculo, duma beleza emocionante e que em plena guerra nos deve dar ideias confusas de inquietude e de receio: o lançamento de torpedos. A emoção iguala a curiosidade e todos os sentidos se alinham em velatura. O torpedo segue a sua rota com uma exactidão humana, tem por vezes uma leve inquietação de itinerário, atinge o alvo e é pescado, em seguida, brilhando ao sol como um peixe gigantesco e metálico, luzidio, duma côr de aço virgem, que a luz patina ainda de maior enlêvo, que o sol alinda, veste de reflexos, de carícias luminosas, que esplendem.

Depois de levantar bandeira o submarino já quási em frente do seu ancoradouro, imobiliza-se, enfim. A luz é cada vez mais doirada, batendo sôbre o rio em *pizzicattos* doirados, fulvos de instantes sôbre as ondas dormentes, que dançam em surdina. Uma calma grega, helena, paira nas coisas e sôbre os montes da Outra Banda um silêncio sonoro, passa como um enlêvo, como um êxtase.

Espectáculo sem par foi êste de submergir e voltar à superfície. Todo o mundo, nessa meia hora de imersão se refugiou em nossa alma e nos nossos sentidos, numa ternura-menina, na ternura duma luz de que tanto estávamos fartos e que é, afinal, todo o enlêvo dos nossos olhos e da vida que passa.

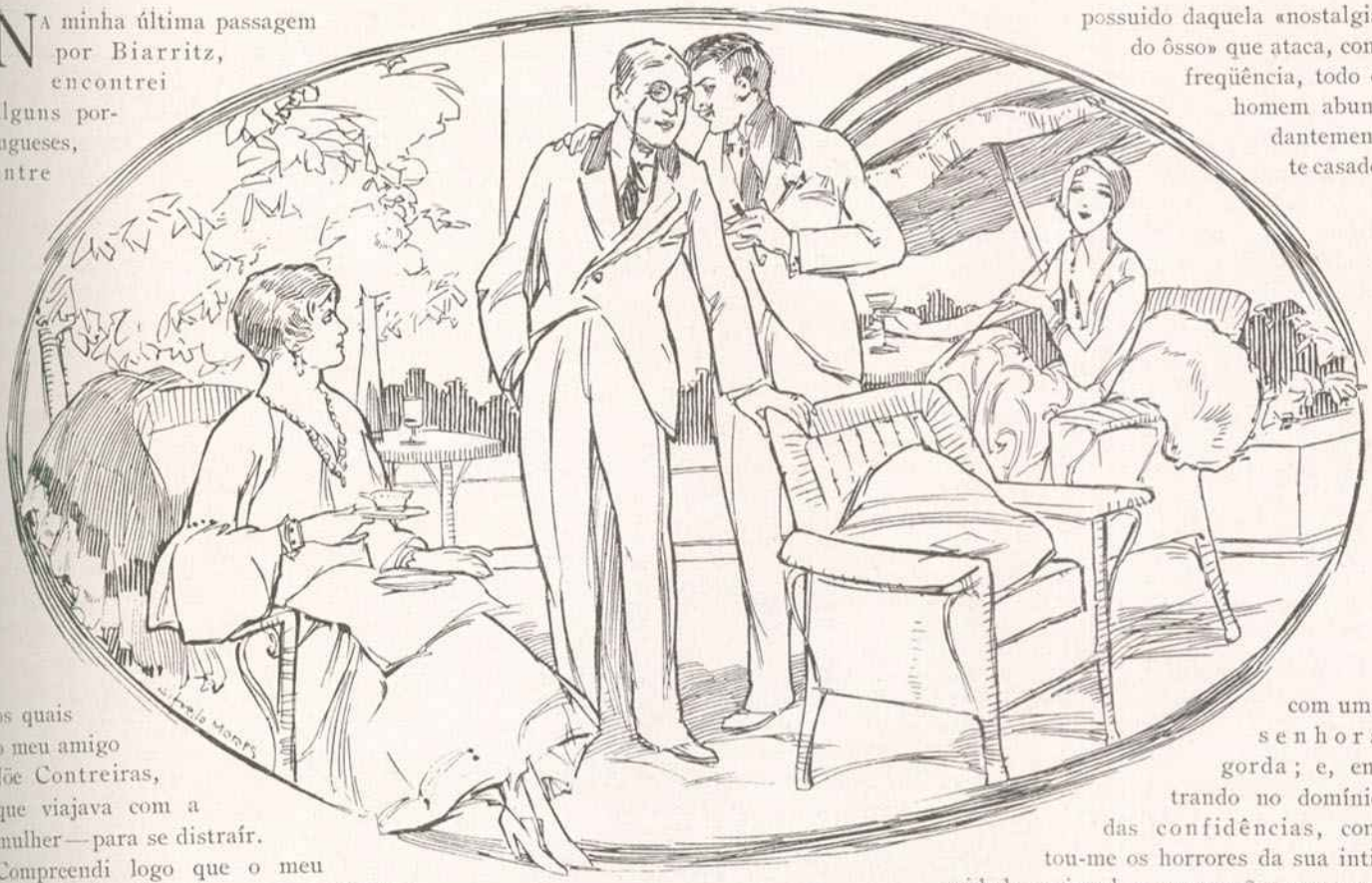
Para quem, como nós, tem sentido e vivido todos os espectáculos do mundo, tôdas as viagens, tôdas as tentações e riscos da aviação, tôda a dantesca tragédia das salas de operações nos hospitais, tôda a ânsia impossível da existência, em cidades europeias e tentaculares, como diria Verhaeren, estas duas horas de submarino deram-nos visões novas, sensações eternas de beleza e de sonho, e cada vez mais o orgulho de saber viver!

A luz foi o espectáculo supremo.

Escondendo-se dela, voltando de novo a noivar com a luz, o *Golfinho* foi para mim, o despertador de emoções novas, intensas, rudes, vibráteis, inquietantes.

De novo na cidade, todos nós reapoderados da serenidade lisboeta, achávamos já o submarino um sonho indefinido, como uma saüdade. Mas uma saüdade cheia de beleza inexprimível, para guardar, para colar no álbum da nossa lembrança.

Correia da Costa.



UMA MULHER CIUMENTA

Na minha última passagem por Biarritz, encontrei alguns portugueses, entre os quais o meu amigo Joë Contreiras, que viajava com a mulher — para se distraír. Compreendi logo que o meu amigo devia divertir-se pouco. Contreiras sofre de dois males infelizmente vulgares: não tem juízo e é casado com uma senhora ciumenta. Quando vi, nas ruas, nos casinos e nas praias, aquela multidão de encantadoras mulheres, de noite sumàriamente vestidas da cintura para cima (o chamado «decote absoluto») e de manhã quási completamente despidas da cintura para baixo, não me restou dúvida de que madame Contreiras ia estragar a vida do marido, pôr mais uma vez à prova os recursos da sua paciência conjugal, esgotar a reserva de sorrisos amarelos que êle decerto trazia na sua mala de mão, e procurar vingar-se sôbre o pobre homem, indefeso e complacente, do facto ignominioso de haver ainda no mundo mulheres que pesam quarenta quilos e que têm vinte anos. Olhando-os a ambos, a êle e a ela, mais uma vez me convenci desta verdade universal: uma viagem de recreio é um passeio higiénico que os homens solteiros devem fazer sempre acompanhados, e os homens casados sempre sòzinhos.

Um dia, na esplanada que domina a grande praia, percebi, enquanto tomava um cálice dêsse horrível Pôrto que nos servem no estrangeiro, que o meu amigo fazia esforços heróicos para olhar, sem que a mulher desse por isso, uma rapariga formosa, inverosìmilmente loira, que abusava do seu ar de bonito rapaz e fumava por uma boquilha tão comprida que podia, sem exagêro, servir-lhe de bengala. Contreiras aproximou-se tìmidamente de mim, e murmurou, numa expressão de aflitiva melancolia:

— Venho pedir-te um favor.

— Estou às tuas ordens.

— Tu, logo à noite, és capaz de entreter, durante um quarto de hora, minha mulher?

— Para quê?

— Apelo para o teu espírito de solidariedade. Eu preciso, quando formos para o Casino, de dizer duas palavras àquela rapariga francesa.

— Está bem.

— Olha que não é fácil entreter minha mulher. Ela adivinha tudo, percebe tudo...

— Fica descansado.

— Quanto te agradeço!

Contreiras apertou-me a mão, efusivamente, e, num movimento de comunicativa gratidão, falou-me da francesa — que, por sinal, era tcheco-eslovaca — da elegância da sua pequena cabeça de colegial audacioso, da graça vibrante dos seus tornozelos finos de cavalo de corridas; confessou-me que se encontrava possuido daquela «nostalgia do ôsso» que ataca, com freqüência, todo o homem abundantemente casado com uma senhora gorda; e, entrando no domínio das confidências, contou-me os horrores da sua intimidade conjugal, as proporções, por vezes tormentosas, que assumia o exclusivismo amoroso da mulher, os prodígios de paciência e de engenho que êle tinha que fazer durante cada vinte e quatro horas para conseguir cinco minutos de liberdade, as tempestades de ridículo a que o expunha, quási diàriamente, o ciúme delirante de madame Contreiras, um ciúme que era um anacronismo perante as vertiginosas liberdades da vida moderna, que por vezes afrontava os seus princípios de cidadão livre, e que contribuía para provar — se não estivesse provado já — que as ditaduras domésticas são mil vezes mais ferozes do que tôdas as ditaduras políticas. E, então, Joë, animado pela minha atenção complacente, produziu um substancioso discurso sôbre as funestas conseqüências do ciúme feminino, razão por que os lares se destroem e as famílias se desagregam, origem de tôda a espécie de desastres e de crimes, causa (no entender do meu amigo) de uma forma especial e alarmante de neurastenia, que precisava de ser estudada, dotada de um opulento nome grego, e combatida por um regime terapêutico naturalmente praticado (Contreiras não mo disse) por qualquer dessas belezas profissionais de pernas magras e sorriso fácil que costumam enxamear pelas praias aristocráticas e pelas termas elegantes de todo o mundo.

— Sabes tu o que é preciso? — exclamou Joë por fim, segurando-me, com

veemente convicção, por um dos botões do casaco.

— Não sei, mas tu vais dizer-mo.

— É preciso que os maridos se auxiliem uns aos outros. É indispensável criar, por tôda a parte, associações de socorros mútuos dos sinistrados do ciúme, e organizar uma grande federação internacional destinada a assegurar em todo o mundo a liberdade dos maridos e a iludir por tôdas as formas a vigilância das mulheres.

Olhei para o meu amigo Contreiras com uma tão expressiva estranheza, que êle sentiu a necessidade de se justificar. A sua sólida cabeça de *bel homme* em decadência iluminou-se de um súbito clarão. Joë torceu ainda mais o pobre botão do meu casaco — que de maneira alguma o contrariara — e increpou-me, animado da convicção que imprimiam à sua palavra os seus vinte e oito anos de marido perseguido. Pois quê? Então, não seria justo que os homens organizassem a sua defesa contra o ciúme feminino, impertinente e implacável? Eu sabia lá — dizia êle — de que astúcias, de que subtilezas, de que audácias, de que prodígios de sagacidade e de maldade era capaz uma mulher ciumenta! Contra êsse sexto sentido da mulher — que é o ciúme — nada podem a inteligência e a fôrça do homem. A mulher que disputa a nossa posse, que nos zela, que nos vigia, que nos espia os movimentos, os olhares, as palavras, as intenções, transforma-se — afirmava o pobre Contreiras — num ente admirável de inteligência e de argúcia, numa verdadeira antena de telegrafia sem fios, capaz de captar tôdas as ondas, tôdas as vibrações, tôdas as suspeitas da mais ligeira infidelidade marital, — numa palavra, converte-se num excelente polícia. Era contra a vigilância incómoda dêsse polícia que o meu amigo pretendia criar uma organização secreta, uma autêntica maçonaria dos maridos infiéis, para que todo o homem em perigo de ciúme e de escândalo conjugal pudesse encontrar, da parte dos outros homens, a solidariedade, o auxílio, a cumplicidade discreta de que a cada momento carecem os maridos que cultivam a aventura galante e que costumam escorregar sôbre a virtude, como os *skiers* sôbre a neve.

— É, então, êsse auxílio que tu queres que eu te preste esta noite?

— Como tu me compreendes bem! — exclamou, jubiloso, o meu amigo, deixando-me, finalmente, o botão do casaco e caíndo sôbre mim num abraço esmagador.

— Combinado. Casino de Bellevue?

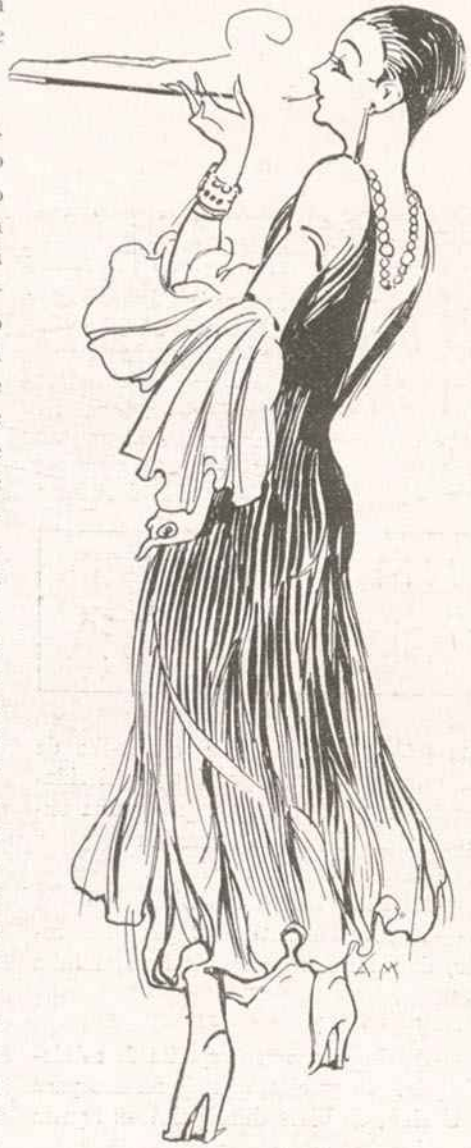
— No *hall*.

— Tua mulher suspeita da francesa?

— Nem sequer a conhece. Mas adivinha tudo. É pior do que um *detective!*

— Tu exageras, homem!

Desembaracei-me, enfim, daquele amigo inoportuno, pensando na admiração que Joë precisaria de ter pela mulher, para lhe atribuir tão notáveis qualidades de polícia. Não podia — infelizmente para êle — conceder-lhe o encanto dos vinte anos, nem a magreza duma faca de cortar papel, nem a graça de efebo duma *girl*



americana (quando ainda Jacques Cochram, *super-manager* dos *music-halls* de Nova York, não se tinha ainda lembrado de engordar as *girls* como patos para *foie gras*), e contentava-se — ingénuo Contreiras! — em convencer-nos de que a mulher dispunha de dotes terríveis de perspicácia e de agudeza de espírito ao serviço do seu ciúme delirante. A pobre senhora era apenas um exemplar comum de azedume e de mau humor, com a psicologia vulgar das mulheres que não se resignam à aposentação, que detestam a humanidade porque já fizeram sessenta anos, e a quem coube em sorte um marido *gentleman* que não engordou, que não abdica dos prazeres da juventude e que tem o bom-gôsto de envelhecer mais devagar. Madame Contreiras seria uma calamidade; mas era uma vulgaridade. E, dum modo geral, quanto ao dom divinatório, à subtil penetração, à inteligência rádio-activa da mulher em crise de ciúme, o meu amigo entrava nos domínios da pura fantasia. Não há ente algum no mundo mais fácil de enganar do que uma mulher; e, se assim não fôsse, nem mesmo seria pràticamente possível o amor.

Era isto, pouco mais ou menos, o que eu pensava quando, à noite, depois de vestir a minha *dinner-jacket*, entrei no *hall* do grande Casino. A primeira pessoa que vi, foi a tcheco-eslovaca (chamemos-lhe francesa), vestida de vermelho, decotada até à cintura, fumando pela sua boquilha agressiva e enorme. Só daí a pouco encontrei Joë no *bar*, melancòlicamente debruçado sôbre um *whisky*, tendo ao lado a mulher vigilantemente debruçada sôbre êle. Minutos depois, a francesa entrava, a fumar, magra como um ponto de exclamação pintado a tinta vermelha, e vinha sentar-se num banco, perto de nós. Madame Contreiras, com perfeita naturalidade, levantou-se, o marido lançou-lhe a capa pelos ombros, e fomos os três para o grande salão Luíz XIV, vêr dançar. Sob os focos intensos de luz eléctrica, duas orquestras, uma de gaúchos, outra de negros, produziam um ruído ritmico, vagamente parecido com a música. Sentámo-nos. Passados instantes, sob pretexto de que se esquecera das luvas, o meu amigo Joë desapareceu. Era o momento. Ataquei, com vivacidade, a nossa conversa interrompida sôbre bailados russos; falei da Danilowa, da Karsovina, da Loupokhova, admirável no *Après midi d'un faune*; e ia recordar a bela Issatsckenko, que eu vira, em Londres, reproduzir as figuras dum friso grego, — quando Madame Contreiras me deteve, num gesto:

— Faz-me favor?

— Pois não, minha senhora...

— Viu aquela mulher despida de vermelho, que entrou no *bar* quando nós saímos? Fumava por uma boquilha tão comprida, que estou com imenso mêdo de que tire um ôlho a meu marido...

— Nesse caso, vou chamá-lo.

— E não se esqueça de dizer-lhe, meu caro senhor, que a sua conversa não foi suficientemente interessante para me entreter...

Confesso que, de então para cá, mudei de opinião. Nas mulheres ciumentas há, com efeito, qualquer coisa de diabólico.

Júlio Dantas

A escritora Colette vende em Paris produtos de beleza

Quando o mundo soube a notícia da nova profissão de Colette, a escritora francesa mais conhecida — a primeira escritora da França, como ainda há pouco lhe chamou João Ameal, na sua interessante secção do *Diário de Notícias*, quando o mundo soube disso, o mundo ficou espantado.

— O quê?! Colette, a espirituosa parceira de Willy — o dos romances agri-dôces — a inolvidável criadora dessa *Claudina* travêssa e sentimental, ia deixar a literatura, trocava a secretária pelo balcão?!

— Não há direito! — bramiam uns.

— Afinal, as mulheres não têm constância, depressa se fartam de fazer qualquer coisa com geito... — troçavam os inimigos do espírito feminino — os que, da mulher, só apreciam a carne.

As mulheres, então, debicavam-na:

— Que estava velha, que ia refazer a sua mocidade, e que só então voltaria a escrever, e mais coisas tendenciosas.

Pois não é nada disto, e ninguém tem razão. Nem êles, com as suas censuras e a sua ironia, nem elas, com os seus remoques.

Primeiro, é preciso acentuar, conforme Colette declarou ao enviado do jornal de Viena — *Neue Freie Presse* — que a casa que ela abriu na rua Miromesmil, perto do Ministério do Interior, não é um Salão de Beleza, como os outros que há em Paris, e agora, um pouco por tôda a parte. Não se fazem massagens, não se corta o cabelo, não se trata de unhas, não se *cria* beleza, nem se restauram ruinas.

Ùnicamente se ensina — ensina Colette — às mulheres, quais os produtos, crèmes, pós de arroz e carmins, que devem usar, segundo a sua pele e conforme a luz a que se expõem.

Mas é curioso ouvir a própria Colette defender-se das extravagâncias que lhe têm atribuido:

— O acontecimento não é tão absurdo, como à primeira vista parece. Eram escusados tanta celeuma e tantos juízos aventureiros.

«Era fácil de perceber o motivo que me levou a lançar mão dêste novo modo de vida. Eu não podia viver só da minha literatura. A crise avolumava-se e eu lutava, em vão, para me sustentar. Foi então que tive a ideia de me fazer perfumista. O conhecimento que tenho das pinturas de teatro, visto que fui actriz, concorreu para que eu me decidisse por êste ramo de negócio.»

Enquanto Colette falava, ia mostrando, às pessoas que assistiram à abertura do seu Salão, vários frasquinhos de águas coloridas e boiões de crème, que ostentavam o rótulo com o nome da gloriosa escritora, que não está sòmente na taboleta, mas em todos os invólucros, desde o principal e mais caro preparado até ao mais insignificante. Todos os ingredientes de beleza são feitos por Colette, alguns de receitas que guarda de sua mãi. Ela aconselhará a côr que se deve pôr no rosto para afrontar a luz do sol ou a luz artificial, porque os efeitos são diferentes. Ensinará a conservar a frescura da pele e a evitar que ela se estrague. Para tudo tem os seus artigos. Se a quiserem ouvir, compram-nos e continuam. Se não, que sigam a sua vontade. Não tenciona mercadejar com o seu nome.

Tudo o que se vende no seu estabelecimento terá preços razoáveis, iguais aos das outras casas similares.

A ESCRITORA COLETTE ARRANJANDO AS PÉSTANAS DE SUA FILHA, NO SEU PRÓPRIO ESTABELECIMENTO DE PRODUTOS DE BELEZA

Embirrou sempre com os exploradores do povo, e não admite que se venda por trezentos francos o que nem trinta vale, como se faz muitas vezes.

E, para mais claramente defender a sua ideia, Colette disse ainda:

— «Quando estava no teatro, maquilhava algumas das minhas colegas também, de tal forma me reconheciam a perícia em tal caso. Já vêem que a coisa não é disparatada. Além disso, só a ideia de que teria de vender a minha casinha de Saint Tropez, tornava-me a vida intolerável, e não tinha cabeça para os meus trabalhos literários.»

Compreenderam agora, os assustados, que a grande mulher de letras, só por necessidade, se pôs ao balcão?

Eu, a quem a crítica internacional chama a *Colette portuguesa*, como logo ao meu primeiro livro me chamou Albino Forjaz de Sampaio, não abri uma lojeca qualquer, para me ajudar a viver, porque para isso me falta o capital e me faltam os admiradores que tem Colette, e que, na opinião do jornal a que me estou referindo, foram, talvez, os verdadeiros propulsores de tal ideia.

Acresce, para minha desculpa e meu consôlo de só contar com os meus livros, para o pãosinho de cada dia, e o resto, acresce, repito, que a minha norma de vida é modestíssima e que me falta a ambição, para arrastar-me a novas aventuras. Morreram-me os filhos, não tenho pais, não tenho para quem amealhar. Estimo os parentes, mas entendo que não sou obrigada a sacrificar-me por êles.

Colette está habituada a uma vida desafogada, com comodidades que não pode dispensar, porque vive num meio muito diferente do nosso. Além disso, tem uma filha, razão poderosa que a tudo obriga, e mantém sempre vivas as suas aspirações.

Quem pode, pois, maldizê-la, pelo seu gesto?

E descansem, os que receavam que ela pusesse de lado a pena. Foi para escrever melhor, com o espírito mais tranqüilo, sem preocupações monetárias, que abriu a perfumaria.

Tem já mesmo começado um novo romance. E, para mais ajuda, sabemos que se está preparando para os *écrans* um Baedecker animado em serviço de propaganda da França, e que é Colette a encarregada das legendas dêsses filmes patrióticos.

E mais uma vez se confirma o ditado francês: *Tout est bien, qui finit bien...*

Mercedes Blasco.

Os milagres do Gerez

É tal qual vos vou contar. E conto-o a clero, nobreza e povo, pois isto interessa a quantos, na roda do ano, de Janeiro a Janeiro, conduzem a sua barca nas águas tumultuosas da cidade. Isto interessa a todos os que, nestes meses de sequeiro, pousamos as meninas dos olhos na moldura côr de fôlha morta da cidade. Para todos nós, os da tribu de Ulisses, precisamente nesta época, nos meses da canícula, a visão do Minho assume só por si a aparência de estranho milagre.

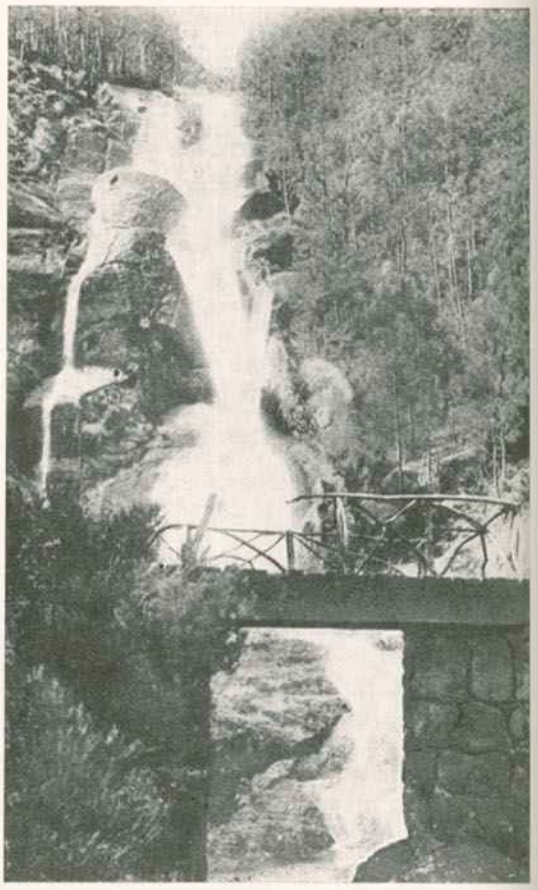
Lá em baixo, na borda de água, à beira do Tejo, à beira do mar, tudo ressequido — tudo queimado pelos nordestes e pelas soalheiras. Aqui, o calendário a marcar as ardências de Agôsto, as secas de Setembro, e a verdura a pojar, a rir, a escarnecer do sol e do vento, a subir dos fundos barrancos abismais aos esfíngicos rochedos das cumieiras.

Êste um dos maiores milagres da região — embora comum aos muitos lugares dentre Minho e Douro, aos vales e cabeços de Trás-os-Montes, situados entre Tâmega e Tua — rio engasgado nas guelas de ásperas, rudes e afrontosas montanhas.

Mas são outros milagres, dos que formam o património do Gerez, — sem contar os de Santa Eufemia, Senhora e Taumaturga que se venera na capelinha joanina de ao pé das águas termas — os que vou reduzir a pública escritura.

Logo o da linha escultórica da serra nos surpreende. Não se sabe porque artes, nem porque bulas a serra concertou as suas formas corpóreas e a sua posição singular. Vista da ponte do Cavado, de baixo para cima, afigura-nos gordo animal anti-diluviano deitado de costas, com o ventre rasgado ao meio, sendo as águas do rio Gerez, a desaguarem no Cavado, ao fundo da abertura, as derradeiras gôtas do sangue translúcido do colosso. E como tem o peito e a cabeça voltados para a Galiza, as suas pernas ciclópicas, as célebres cristas da serrania geresiana, simètricamente erguidas à direita e esquerda, são mais altas das bandas da Galiza do que nas proximidades do Cavado.

Outro milagre — o da pelagem do monstro. Ao longe não se distingue do vulgar *astrakan* usado na gola dos capotes. Ao perto, porém, é sêda verdadeira, é velo de fina urdidura, os verdes de todos os tons a casarem-se no denso arvoredo, a cobrirem flancos e eminências.



GEREZ — CASCATA DAS CALDAS

GEREZ — PONTÃO DA SERRA

Quarto milagre — êste dá-no-lo a serra no seu hálito de balsâmica frescura, hálito puro como os dos meninos de mama, que oferecia a vida aos mortos se os mortos soubessem pedir-lha.

O número cinco está representado nos suores frios e nos suores quentes da poderosa milagreira — águas potáveis e águas medicinais. Aquelas, das melhores do mundo, pela sua leveza, pela sua transparência, pela sua temperatura — quatro gráus centígrados no verão e no inverno — brotam por tôda a parte, são rugido nas cascatas alpestres, são cantoria nos açudes dos ribeiros, murmúrio e reza em nascentes e fontes. Quanto às outras, às medicinais, *aegri surgunt sani*, se quereis conhecer-lhes as virtudes, preguntai-as aos penitentes da pedra na visícula que de Seca e Meca, em peregrinação anual, sobem ao Gerez a impetrar a remissão de tão dura pena.

Eu, por mim, só vos digo — ó filhos famílias da cidade! — que os tenho visto chegar ao ôlho da nascente mais verdes da jornada do que as próprias fôlhas das faias e carvalhas serranas. E em oito dias, se tanto, ei-los de epiderme ao natural, mais lavada e lustrosa do que o linho sujo passado a lexívia.

Mas no meu entender, o melhor e o maior dos seus milagres, o que em numerosos milagres se traduz, é a paisagem geresiana, paisagem sádia, variada e sugestiva que aos corpos doentes ou abatidos transmite o vigor da sua saúde, o encantamento da sua variedade, e a fôrça da sua sugestão.

Não há misantropia inteligente, não há bilis sensível à varinha mágica da beleza feiticeira, que não ponham luminárias no sorrir, que se não desentrenhem na ladaídos louvores ao descortinar o cenário grandioso desta serra de Portugal — que de nós não recebe todos os louvores merecidos justamente por ser de Portugal.

*
* *

A paisagem do Gerez! Vinde vê-la, vinde admirá-la comigo. A serra, não sendo a mais alta, é a mais pitoresca do paiz. A mais abundante de águas, arvoredos, aspectos idílicos e trágicos. Começa lá em baixo, no vale em que o Cavado ruge. Desdobra-se até à Galiza em duas formidáveis vagas de granito — no seio das quais a Estância Termal repousa em sossêgo. Assenta os contrafortes nas margens do Lima, nos desfiladeiros de Barroso. Levanta-se quási a prumo da frescura do vale, junto de Vilar da Veiga, primeiro negra e escalvada, pouco depois verdejante de ramos. Aberta ao meio pela

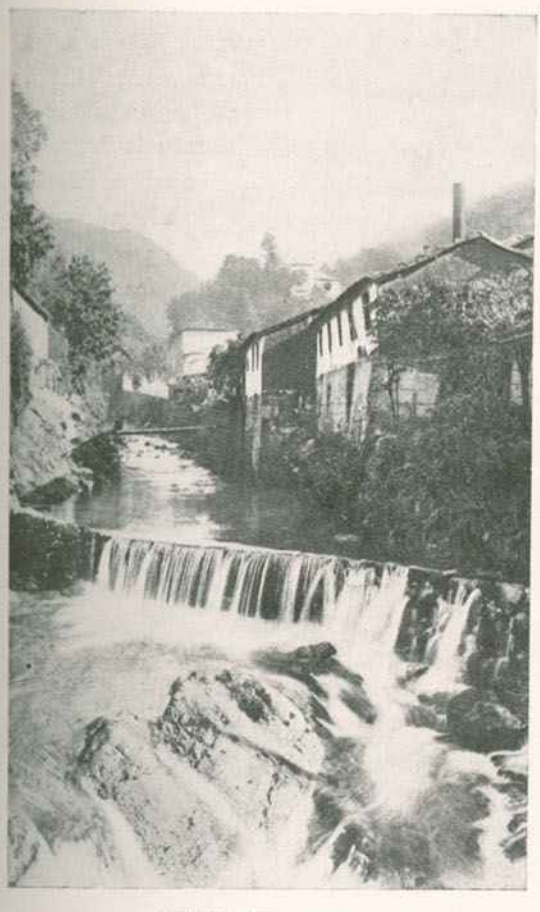
enorme garganta, em forma de V, que sobe, estreitando-se, até às chãs de Leonte, prolonga-se, planando, até às veigas da Galiza, alteia-se em picos majestosos, que se aprumam dum e doutro lado da garganta, altares a que o arvoredo e as águas rezam as suas orações. Sôbre Vilar da Veiga, a olhar o vale, a espiar as montanhas fronteiras, ficam, a nascente o da «Pedra Bela» e da «Calcedónia». Depois, para o norte, crescendo sempre, subindo sempre, salientam-se os das «Mesas», o do «Cabril», da «Varziela», do «Pé de Cabra», atingindo o da «Borrageira», sobranceiro à «Portela do Homem», a altitude de mil e setecentos metros.

O ar, à medida que nos internamos na montanha, torna-se mais leve. A água jorra-nos aos pés, e em frente, em cachoeira, do cimo dos precipicios mais ásperos; e ao lado, em torrente, por sôbre fraguedos lisos como bolas de bilhar. Em certos pontos, no «Poço Verde», por exemplo, é dum esmeraldino transparente que lembra efeitos químicos em fontes luminosas. E por tôda a serra, e por tôda a Estância — dentro dos hoteis, na Avenida, nos parques — o sussurro da água, o murmúrio da água, a reza da água são contínuos, ouvem-se noite e dia, como o vozear das orações no côro dos mosteiros.

Até há uns trinta anos a flora geresiana, em tempos idos duma variedade e duma corpulência notáveis, estava reduzida a um ou outro pinheiral, a uma ou outra sebe de medronheiros, ou macisso de carvalhos que haviam resistido à voracidade e ao exterminio das «queimadas» — incêndios provocados pelos pastores, ou «vezeiros» dos gados das freguezias próximas. Êstes, mal terminam as fainas da lavoura, em começos de Maio, por deliberação do «acôrdo», parlamento paroquial, sobem aos planaltos, onde passam o verão, sujeitos a costumes acentuadamente comunistas. Os gados seguem sob o comando do «vezeiro» visinho, substituído de semana a semana. Vão procurar nas chãs de altitude repouso e abundância de pastos ressumantes. E então, para afugentar os lobos umas vezes, as mais das vezes para preparar os pastos do ano seguinte, os «vezeiros» lançavam fogo às matas, destruiam, com as queimadas, a maior riqueza e a maior beleza do Gerez.

Mas o Estado apropriou-se da serra. Sujeitou-a ao regime florestal. Semeou-a de pinheiros bravos. Criou viveiros de faias, carvalhos, castanheiros, platanos, amieiros, que transplanta, pacientemente, desde os crepusculares fundos humosos aos cêrros banhados de luz. Conseguiu, principalmente por obra e graça do sr. Tude de Sousa, um regente silvicola com alma de diplomata — e que difícil diplomacia! — levar os pastores, os «vezeiros», ao respeito pela árvore. E assim, a montanha geresiana, hoje, nas vertentes da garganta termal, revive triunfalmente a sua flora e a sua beleza antigas.

GEREZ — CURVA DA MORTE



GEREZ — AÇUDES DO RIO

Arrogante de cumieiras, quebrada de precipicios, reüne no mesmo abraço o alpestre e o idílico, o ímpeto das cristas penhascosas e o suave das sombras murmurantes. Abrupta, convulsionada de rochedos, é duma afabilidade romanesca nas bordas dos prados e cascatas em que as folhagens formam docel.

A arborização irrompe dos pendores que dão para o Vale da Veiga. Estende-se pelos despenhadeiros que vão até à Galiza — terminando ali, na fronteira, como se quisesse marcar o limite entre os dois povos. Para além dêsse limite não há árvore, nem arbusto. Quási se não enxerga, ao réz dos penhascos, a ponta humilde da urze rasteira.

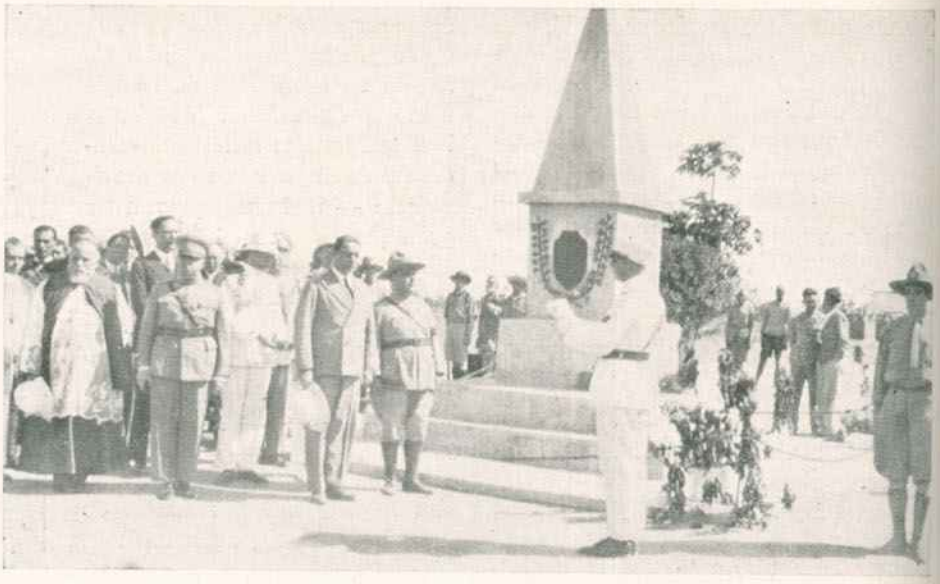
Os velhos troncos, as hastes moças, sobem às maiores altitudes — aproximando-se dos morros, que, muito negros, em êxtase, contrastam com o céo azul. São multidões compactas de pinheiros, de carvalhos, de medronheiros, a treparem às suas tôrres de Babel, no fito de desalojar os rochedos das alturas, e fechar, sôbre os ninhos das águias, as cúpulas dos seus ramos — e assistir, com os rochedos e as águias, ao nascer e ao morrer do sol, pai de misericórdia.

Quanto mais caminhamos para o norte — quanto mais nos afastamos da Estância Termal — mais essa ansiedade da escalada se define. De «Leonte» à «Portela do Homem» as ramagens chegam mesmo às cristas mais ingremes. E vendo a serra lá do alto, no seu silêncio austero, na sua majestade imperturbável, na sua dalmática verde — ladeada, à direita e à esquerda, dos seus altares druídicos — por pouco não ajoelhamos, rezando com as águas e o arvoredo o milagre da paz, que é fôrça e saúde, louvando com o arvoredo e as águas os milagres da formosura, que são saúde e vida.

Sousa Costa.

PORTUGAL E O SEU ULTRAMAR

A Feira de Amostras de Luanda

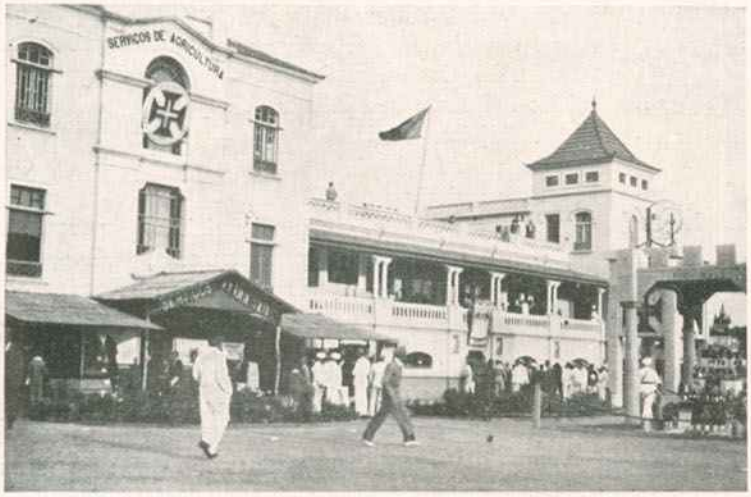


O CAPITÃO LOUREIRO FAZENDO A CHAMADA DOS MORTOS DEFRONTE DO MONUMENTO AOS MORTOS DA MONGUA

VULGAR era ouvir-se em bôca de mãi, trémula de cuidados pelo filho distante: — *Está lá para as Áfricas...*

Quebrou-se, porém, o encantamento de sugestões sentimentais, para quem abordava o problema vasto da nossa colonização, em terras de além-mar, sem a ideia preconcebida de noções concretas ou objecto definido.

Até certa data, se para a perspectiva mental da maioria dos portugueses — apagada pela bruma de quási dois séculos de inércia — as nossas possessões do ultramar eram báratros hediondos de febres ou solertes aventuras, mais servindo para colónias penais do que para desenvolvimento das suas naturais riquezas; hoje, felizmente ao contrário, têm o justo valor de vastos domínios, com tesouros ainda inexplorados — feitoria ubérrima e agasalhadora da nossa metrópole.



O PALÁCIO DA AGRICULTURA, ONDE SE REALIZOU A FEIRA DE AMOSTRAS

Todos os anos, com destino incerto e no sangue alvoroçado o fatalismo hereditário da aventura, o exodo de milhares de portugueses que vão em busca de fortuna, é uma nota sentimental de martírio e tristeza. Judeus errantes dum estigma brutal êles deixam tudo que lhes possa significar conchêgo de alma — desprendendo-se da lomba verdejante da serrania, onde branqueja a casinha humilde que os vira nascer — para sofrerem o capricho aliciente do acaso e, como miseráveis serventes de gleba, os ombros ajoujados de duros trabalhos, fecundarem terras de estranhos...

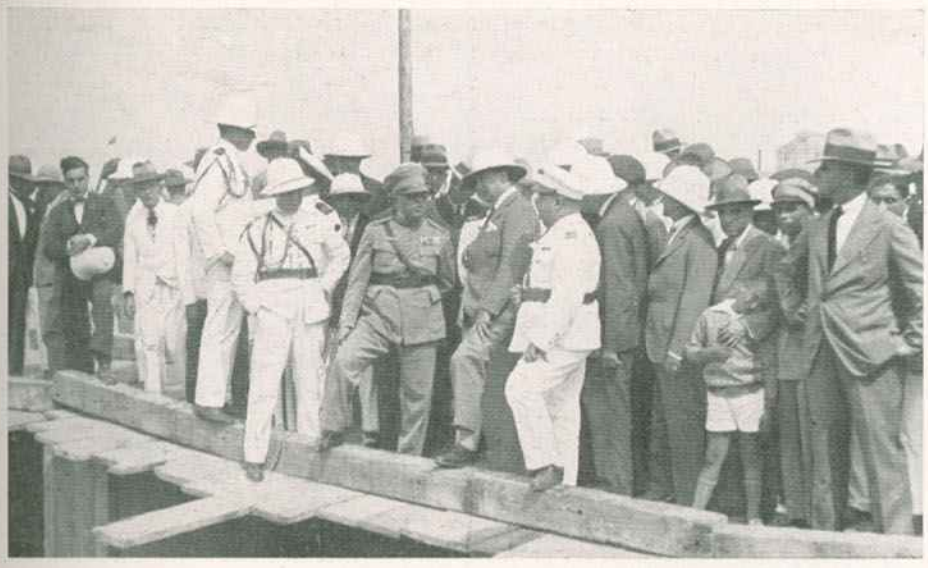
Para quê, no entanto, tanto suplício inglório, tanta ingratidão do Destino?

Para a maioria dêles continuará impiedosa e inalterável a roda da Fortuna!...

Drenar para as colónias a corrente migradoira dos nossos compatriotas, dar-lhes um amparo significativo para sua fixação em nossas terras — onde os esperaria um carinhoso acolhimento e uma maior fé no futuro — proporcionando-lhes certas concessões de leais facilidades, em pequenos fulcros de colonização europeia — como já pensara o ilustre colonialista, general sr. Norton de Matos — seria uma obra de grande vulto e de apreciáveis lucros para o país, uma medida de justo relêvo entre as maiores potências coloniais.

Na Rússia, como em todo o mundo, poderosos organismos desenvolvem o sistema agrário. Os maiores economistas não fogem à racoinal tendência de prevêr na agricultura a maior fonte de riqueza dum país.

A CONTINÊNCIA À BANDEIRA DOS REGIMENTOS EM FRENTE DO MONUMENTO AOS MORTOS DA MONGUA



O MINISTRO DAS COLÓNIAS E O GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA EXAMINANDO AS OBRAS DO PÔRTO DO LOBITO

Entre nós — que o génio cultural e o ardor sublimado da conquista nos dotou de imensos domínios — pouco ou nada se tem feito nêsse sentido. Urge, portanto, encarar o problema de frente, descobrindo aos nossos a fertilidade das suas terras do ultramar, drenando, em propaganda inteligente, o esfôrço de milhares de portugueses, que a míngua de trabalho arrasta às vicissitudes de tendências doentias — vírus imorredoiro dum atavismo secular.

Com tal medida, dois belos objectivos a alcançar: uma justa e inadiável protecção à grande família portuguesa — fecundando a mais flagrante ideia de colectivismo — e um forte desenvolvimento das nossas inquestionáveis possibilidades, como o mais seguro esteio duma fé inabalável do nosso futuro — que é o Portugal de àmanhã.

*

* *

Para o estreitamento de relações industriais e comerciais, entre Portugal e suas colónias, a Feira de Amostras foi, efectivamente, uma iniciativa de justo relêvo, como medida de protecção à indústria nacional, e efeito prático, de um futuro e mais sólido intercâmbio dos organismos produtores.

Não podendo destacar-se com o rótulo de grandioso acontecimento, a Feira de Amostras foi, contudo, uma bela manifestação das nossas fôrças vivas e uma prova concludente de que nada temos a invejar dos produtores estrangeiros — tal a variedade e perfeição da nossa indústria.

UM DOS «ESTANDS» MAIS INTERESSANTES DA FEIRA DE AMOSTRAS

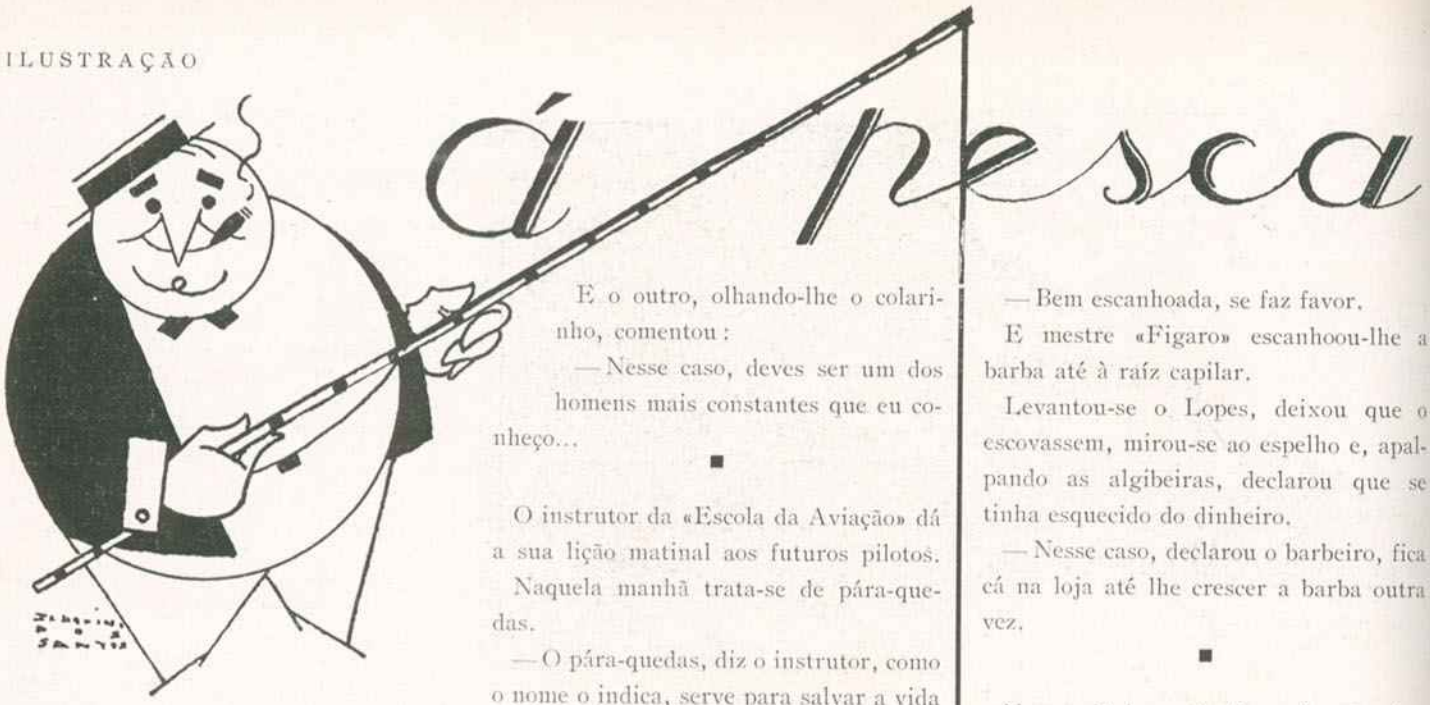
Foi um belo esfôrço de propaganda que servirá, certamente, de incentivo aos vindouros. E, se a louvável atitude dos industriais metropolitanos correspondeu, o melhor possível, à magnífica iniciativa do sr. dr. Armindo Monteiro — na grandiosa cruzada de desenvolver o nosso património colonial — é certo, também, que na sua viagem de estudo, o sr. ministro das Colónias tomará mais amplo conhecimento das necessidades, urgentes, do nosso ultramar, contribuindo, com medidas de vulgarização e maior estreitamento de relações, para a *descoberta* dêste punhado de portugueses — que antegozam, talvez, *um esplendor mais alto* — e que vivem amarrados ao pelourinho de pesados sacrifícios...

Cabe, no entanto, à Feira de Amostras, o primeiro passo para o alcance de tal objectivo — a primeira mão que generosamente se estende para êste imenso prolongamento da nossa metrópole.

Luanda, Junho de 1932.

J. Salinas de Moura.

O SR. DR. ARMINDO MONTEIRO PROCEDENDO À INAUGURAÇÃO DA PONTE SÔBRE O RIO CUANZA



O Seabra, que é surdo-mudo, tendo uma grande necessidade de dinheiro, foi procurar um agiota para êste lhe emprestar quinhentos escudos.

— E que garantias me dá? — escreveu o agiota num papel que deu a ler ao Seabra.

Êste pegou no lápis e respondeu:

— A minha palavra.

■

Na loja das meias:

A freguesa: — Tem meias côr de carne?

O caixeiro: — Pretas, amarelas, vermelhas ou côr de rosa?...

■

Um médico andava tratando um doente de ictericia e o doente não melhorava.

Remédios e mais remédios e o doente sempre na mesma.

— O meu amigo desculpe, disse um dia o médico, mas já esgotei todos os recursos para o curar. Por mais que faça, o senhor está sempre amarelo...

— Mas é que eu sou japonês — declarou o doente.

— Ora valha-o Deus. Já o devia ter dito há mais tempo!

■

Um poeta lírico, amigo das musas, inimigo da água e com prosápias de grande conquistador, dizia a um amigo:

— Eu mudo de mulher como quem muda de camisa...

E o outro, olhando-lhe o colarinho, comentou:

— Nesse caso, deves ser um dos homens mais constantes que eu conheço...

■

O instrutor da «Escola da Aviação» dá a sua lição matinal aos futuros pilotos.

Naquela manhã trata-se de pára-quedas.

— O pára-quedas, diz o instrutor, como o nome o indica, serve para salvar a vida dos que se vejam obrigados a caír. Assim, por exemplo: os senhores estão a voar a mil e quinhentos metros de altura; nisto o motor pára. Imediatamente agarram o pára-quedas, deixam-se caír, contam um, dois, três, puxam o cordel e o aparelho abre. Já se deixa ver que no caso do aparelho não abrir, os senhores ao chegarem cá abaixo, fazem a sua reclamação por escrito e vão ao depósito do material para que lhe dêem um aparelho novo e nas condições.

■

Entre larápios:

— E agora, coitado, lá está no «Limoeiro».

— Mas que fêz êle?

— Ora... ia à procura dum relógio e só apanhou a cadeia...

■

Numa *soirée* familiar, a filha do dono da casa canta a ária do *Fausto*.

1.º convidado: — Esta menina canta muito mal!

2.º convidado: — É surda e não se ouve a si própria.

1.º convidado: — Então, podiamos-lhe dizer que já acabou...

■

— Papá a ama sêca já não é ama sêca...

— Porquê?

— Porque caíu ao pôço.

■

O Lopes entrou no barbeiro para fazer a barba. Sentou-se, reclinou-se e disse:

— Bem escanhoada, se faz favor.

E mestre «Figaro» escanhoou-lhe a barba até à raíz capilar.

Levantou-se o Lopes, deixou que o escovassem, mirou-se ao espelho e, apalpando as algibeiras, declarou que se tinha esquecido do dinheiro.

— Nesse caso, declarou o barbeiro, fica cá na loja até lhe crescer a barba outra vez.

■

Numa aldeia, onde há muito não chovia, reüniu-se o povo e foi pedir ao cura que fizesse uma procissão para que o Céu derramasse sôbre a terra a água necessária.

— Eu faço, disse o padre, mas hão-de dar-me um chapéu de chuva.

■

— E sabes porque é que devemos ser amigos dos animais?

— Sei. É para nos acostumarmos a amar os nossos semelhantes.

■

O médico: — E costuma dormir com a janela aberta?

O doente: — Sim, senhor doutor, durmo com a janela aberta e com os olhos fechados.

■

No tribunal:

O juiz: — Escusa de negar. Estão aqui três pessoas que o viram cometer o roubo...

O réu: — Pois, sim, mas há na cidade, pelo menos, quatrocentas mil que não viram.

■

— Nesse caso, resolveremos êste assunto na quinta-feira.

— Impossível. Quinta-feira parto para a América.

— Está bem. Fica para sexta-feira.

O pescador — **Lino Ferreira.**

deSportos

Os factos da quinzena

O CAMPEÃO SPORTINGUISTA JOSÉ GARNEL JÚNIOR QUE ESTABELECEU UM NOVO «RECORD» DO LANÇAMENTO DO DARDO

O congresso dos Sokols, realizado no passado mês de Junho, em Praga, veiu mais uma vez pôr em destaque a importância dessa organização gimnástica que, na Checo-Eslováquia, assume as proporções de uma entidade nacional. Iniciada há setenta anos, quando a intransigência do domínio austriaco punha em perigo o espírito de nacionalismo checo, por uma escassa dezena de patriotas, o sokolismo reúne presentemente as fôrças vivas de uma nação inteira, nação hoje livre e devendo-lhe, em grande parte, a conservação do próprio sentimento de independência.

O número dos sokols atinge actualmente 700.000, e a parada que os reüniu no majestoso Estádio de que são proprietários foi de uma imponência inegualada.

O terreno onde os gimnástas se exibem, em grupos de 17.000, é um vasto rectângulo medindo um quilómetro de extensão por quinhentos metros de largo; nas tribunas que o rodeiam podem alojar-se 250.000 pessoas.

O congresso foi inaugurado com um desfile pelas ruas da cidade, no qual se incorporaram tôdas as associações sokols no máximo do seu efectivo, as representações estrangeiras e as delegações dos grupos sokols constituidos pelos checos habitando fora do país.

Para se fazer uma ideia da multidão participando nesse cortejo, basta dizer-se que começou às nove horas da manhã e durou, sem interrupção, até às quatro da tarde.

A Checo-Eslováquia convidou, por intermédio dos seus representantes diplomáticos, tôdas as nações da Europa a fazerem-se representar. O convite chegou a Portugal mas não teve a boa sina de um acolhimento favorável; como tem sucedido tanta vez, os poderes públicos não levaram em devida conta a importância que assume na propaganda do país a representação portuguesa nas grandes manifestações gimnásticas e desportivas, deixando passar uma excelente oportunidade de associar o nome de Portugal a uma manifestação internacional de primeira grandeza.

Mais hábil, a visinha Espanha enviou a Praga um grupo de sargentos monitores da Escola Central de Gimnástica de Toledo, que puderam firmar as bases de um intercâmbio intelectual e pedagógico, que apenas poderá trazer vantagens para ambos os países.

* * *

A final da Taça Davis, verdadeiro campeonato do mundo de *tennis* entre nações, foi sem dúvida o acontecimento máximo da quinzena desportiva europeia.

A França, há cinco anos detentora do glorioso trofeu, conservá-lo-á ainda um ano mais, derrubando as esperanças dos Estados Unidos, seu directo adversário.

Poucos eram os prognosticadores que se aventuravam na indicação de um favorito, tão niveladas se consideravam as fôrças dos contendores. As esperanças francesas firmavam-se no valor do célebre Cochet, o salvador da Taça Davis nos dois últimos anos, contando que êle arrancasse o número de vitórias necessárias ao sucesso da sua *équipe*.

O outro jogador indicado para os encontros singulares, causara sérias apreensões aos seleccionadores e à opinião pública francesa. Os novos Boussus e Bernard não ofereciam garantias de segurança suficiente para serem opostos às «estrêlas» americanas; o ressurecto Lacoste, que reünia o maior número de opiniões favoráveis, adoeceu na ocasião crítica; a indicação de Borotra, que declarara não querer o honroso mas pesadíssimo encargo, foi um último recurso.

Os jornais franceses, fazendo na véspera do torneio o balanço da situação consideravam certa uma vitória de Cochet, quási certa a outra, e provável, para assegurar o triunfo final, a vitória no encontro de pares ou um sucesso de Borotra no seu jôgo contra o segundo representante americano.

Sucedeu, porém, o inesperado: foi Borotra o vencedor dos seus dois encontros, derrotando nìtidamente o papão Vines, enquanto Cochet apenas conseguiu bater Allison, mas perdeu contra Vines e contra o par Allison-Van Ray, de ambas as vezes após cinco partidas disputadas. A França conserva assim a Taça Davis por 3 vitórias a 2.

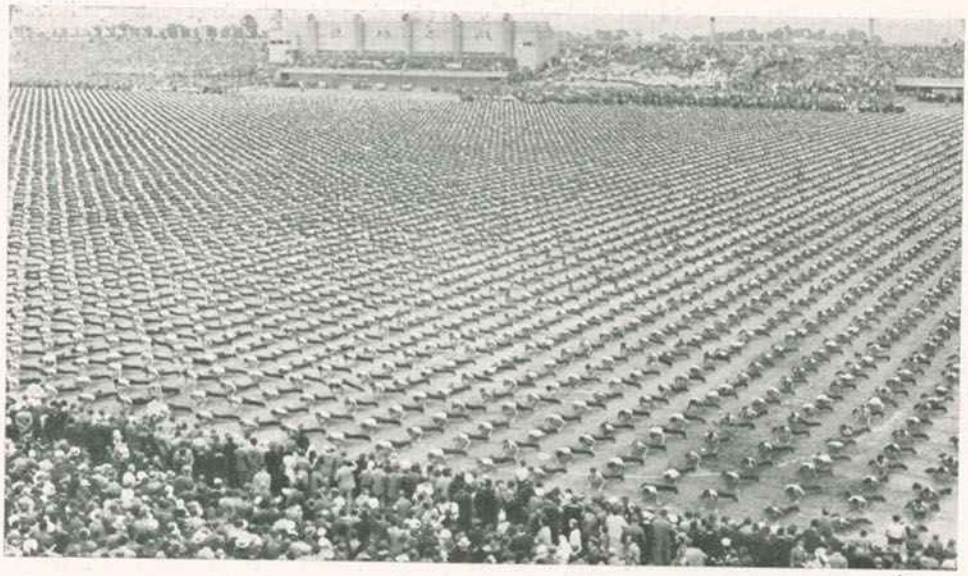
O êxito de Borotra, acolhido com a maior simpatia, é a justa consagração de uma longa carreira de sucessos e sacrifício pelo *tennis* do seu país, ao qual nunca negou colaboração, a-pesar de uma vida profissional extremamente apensiosionada.

DURANTE A CORRIDA DE 1.000 M., NO CONCURSO DE «OS SPORTS», SOUSA E ALVAREZ CONDUZEM A PROVA

UMA PASSAGEM DA CORRIDA DE 200 M. BARREIRAS

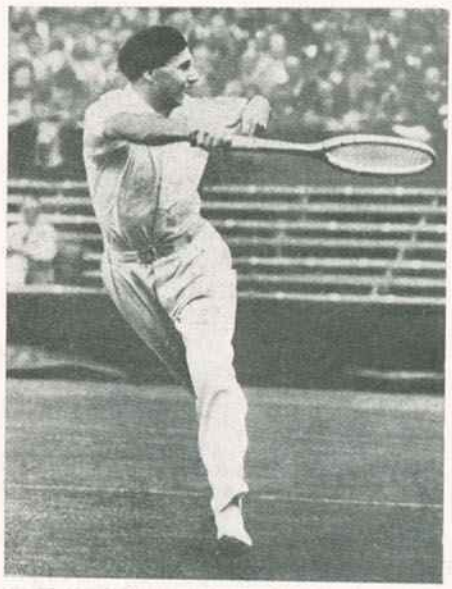
* * *

O corredor francês Ladoumègue, declarado profissional pela respectiva Federação e impossibilitado, portanto, de participar nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, embarcou, a-pesar de



A IMPONÊNCIA DA GRANDE PARADA GIMNÁSTICA DOS SOKOLS

tudo, para a América, arvorado em jornalista especialmente enviado pelos jornais parisienses «Intransigente» e «Match». É claro que o campeão levava na sua mala um equipamento e um par de sapatos de bicos; interrogado, antes de partir, sôbre as suas intenções, disse nada poder afirmar, mas que no caso da desclassificação definitiva de Paavo Nurmi, era natural que o encontrasse nas pistas americanas.



JEAN BOROTRA, O SALVADOR DA TAÇA DAVIS PARA A FRANÇA

Como o fenómeno finlandês, após uma comédia em vários actos, foi também considerado indigno do alvo arminho do amadorismo, e em volta da sua personalidade se tem largamente especulado na imprensa dos Estados Unidos desde que pisou terra do novo continente, tudo faz prever que os empresários americanos disputarão entre si, a lances de dólares, o chorudo negócio das lutas Nurmi-Ladoumègue. A não ser que as coisas se compliquem de novo, pois a Federação Finlandesa teima em não desclassificar o seu glorioso compatriota, e a Federação Internacional não tem poderes para se substituir a ela, limitando-se a suspender o corredor por tempo indefinido; mas uma suspensão levanta-se de um momento para outro, e há influências que podem muito.

* * *

O encontro Porto-Lisboa em atletismo, disputado nos dois últimos dias do mês findo, não correspondeu ao entusiasmo que costumava acompanhar os seus antecessores.

A falta dos dois portuenses de maior nomeada, Sarsfield e José Prata de Lima (em volta do nome dêste último, cuja ausência era conhecida, fez-se uma especulação de rèclamo pouco correcta), e o critério errado que foi seguido na escolha dos representantes lisboetas, desinteressou o público e deve ter criado sérios embaraços financeiros à entidade organizadora.

Para complicar ainda mais a situação, alguns dos atletas selecionados faltaram sem um aviso prévio, demonstrando uma ausência de espírito desportivo que merece sanção; para seu prestígio a A. A. L. devia punir, ainda que o castigo fôsse apenas de ordem moral, como um afastamento de futuras selecções, os corredores Ildo Gomes, Edmundo Mourinha e Jacinto Duarte.

A tarde do domingo, extremamente ventosa, prejudicou muito as provas, e auxiliou algumas, como os 100 m., em que Dinis foi creditado em 10 s. 3/5. A êste propósito verificou-se um incidente edificante para o juízo dos actuais orientadores do atletismo na capital.

Quando foi anunciado o tempo de Dinis, acrescentou-se que não era homologável, em virtude do forte vento favorável. Mais tarde, o lançamento de dardo de Garnel, a 49,m66, batendo o antigo máximo, foi anunciado como novo *récord* nacional, e, finalmente, os 16 s. de Palhares Costa não foram validados apenas porque derrubou uma barreira. O vento, que continuava soprando rijo, não foi mais invocado.

O caso seria estranho se no dia seguinte não lêssemos, numa crónica da autoria de um membro técnico do júri, que o tempo de Diniz não era homologável porque fôra tomado por um único cronómetro. Isto explica tudo!

O júri da A. A. L. não quis confessar ao público a sua lamentável insuficiência e arranjou o pretexto do vento, confiado em que não havia mais *récords* ultrapassados; mas o diabo, ás vezes, tece-as... dos; mas o diabo, às vezes, tece-as...

A conseqüência lamentável de tôdas estas insuficiências é o desinterêsse crescente do público pelas manifestações de atletismo, fazendo perder inglòriamente o que fôra conseguido com tanto sacrifício.

Salazar Carreira.

MEIO MILHÃO DE SOKOLS DESFILOU DURANTE SETE HORAS PELAS RUAS DE PRAGA

NOTICIAS DA QUINZENA

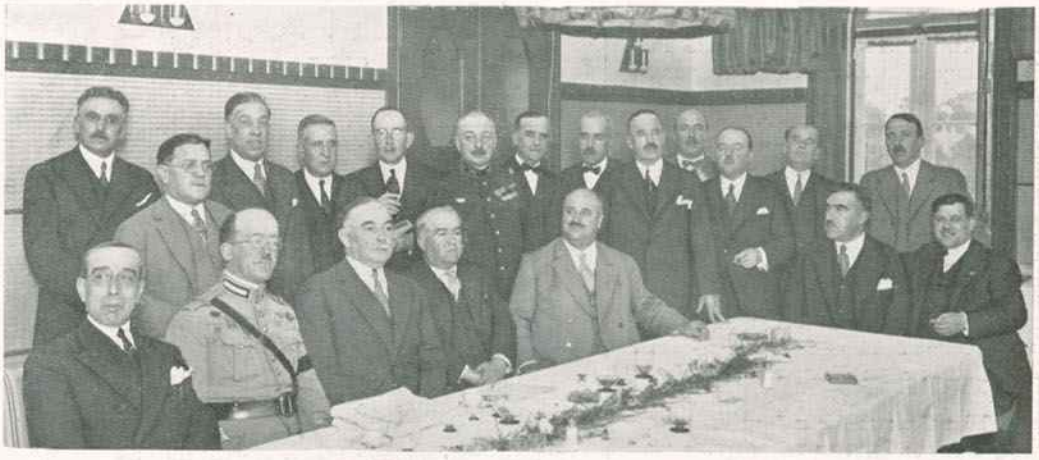
AVELINO DE ALMEIDA

O jornalismo está de luto. Morreu um grande trabalhador de imprensa, um honesto e honrado jornalista. Perderam os jornais uma das suas melhores penas. *O Século* — onde esteve mais de vinte anos — ficou sem um cooperador leal e dedicado. A sua actividade profissional, manifestada durante mais de trinta anos de labor, em todos os géneros de jornalismo, venceu-o. Matou-o aos 59 anos. Tinha uma adoração pela profissão e durante largo tempo dedicou-se à crítica teatral. Assinou algumas produções teatrais, tendo traduzido inúmeras peças. Actualmente, dirigia o *Cinéfilo* — jornal-revista — que lhe nasceu nas mãos. A vaga que deixa é difícil de preencher. Pertencia ainda a essa pleiade de homens de imprensa de que fizeram parte Jorge de Abreu e Hermano Neves, ambos mortos em plena maturação de espírito.

Deixa uma obra jornalística. Era alguém. As suas excelentes qualidades de carácter e de coração faziam dêle um bom. O seu claro espírito de camaradagem e a orientação, sempre justa, que imprimia a tudo, deixam de Avelino de Almeida — e deixam, principalmente, àqueles que com êle privaram — uma saüdade profunda.

NOVA PIANISTA

A menina Noémia de Mariz Sarmento — quinze anos apenas — completou êste ano, com distinção e louvor, o Curso Superior de Piano, no Conservatório Nacional de Música. É discípula do consagrado artista Viana da Mota e da sr.ª D. Beatriz Magalhães Correia, professora distinta.



NA esplanada do Tamariz reüniram-se, há dias, os alunos do curso de infantaria da Escola do Exército dos anos 1901-02. Da esquerda para a direita, sentados: capitão Tomaz de Ataíde de Almeida Cayola, tenentes-coroneis Luíz de Freitas Garcia, Raúl Silvão Loureiro, José Francisco Guerreiro Fogaça, José Francisco Pires do Carmo e major Arnaldo da Silva Douvens. De pé: capitão Arnaldo Machado da Silveira, tenentes-coroneis João de Passos Pereira de Castro, Alfredo de Melo Azeredo, Alberto Pereira Monteiro, Ernesto Judice de Oliveira, Luíz José da Mota, Agostinho Barreto Rodrigues de Oliveira, Belisário Pimenta, João Pereira Duarte Benfeito, Américo Bívar de Sousa Dores, Mauro Olavo Correia de Azevedo, Júlio Garcez de Lencastre e António Pinto Cardoso Vilas Boas Salgado.

ALVES DE AZEVEDO

COM o título «Apontamentos» e sub-título «Primeiro esquema para uma interpretação de

(*Quadro de Carlos Reis*)

valores» publicou recentemente um livro o sr. F. Alves de Azevedo. Melhor do que nós — sôbre o valor da obra — fala Ramada Curto, o notável dramaturgo e ilustre causídico, que escreveu um curioso «post-facio».

JOÃO MATOS

ENTRE os nossos melhores amadores de tiro aos pombos, figura o conhecido e distinto

«sportman» sr. João Matos, que foi campeão de Portugal em 1931.

GENERAL VICENTE DE FREITAS

TENDO pedido a demissão colectiva a comissão administrativa da Câmara Municipal, o govêrno voltou a convidar o sr. general Vicente de Freitas para novamente a organizar. A posse da nova Câmara realizou-se sexta-feira passada.

OLGA DOS REIS GONÇALVES

A filha do conhecido homem de «sport» sr. Reis Gonçalves, sr.ª D. Olga dos Reis Gonçalves, terminou êste ano — com 18 valores — o curso de violino. É discípula do distinto professor

sr. Ivo da Cunha e Silva. Ao mesmo tempo, a sr.ª D. Olga dos Reis Gonçalves concluiu o curso de contra-ponto e fuga.

ALBERTO de Sousa — artista que dispensa adjectivos — a quem se deve já obras de grande valor, como a «História do Trajo em Portugal nos séculos XVII e XVIII», iniciou agora uma nova publica-

ção onde se fará o documentário gráfico das principais «Portas Brazonadas de Lisboa». Está já impresso o 2.º fascículo que reproduz — como o primeiro — magníficas estampas (damos uma gravura representando uma delas), que são, ao mesmo tempo, comentadas com pormenores de arquitectura, de investigação e de história do local. O primeiro fascículo insere um prefácio — evocando Lisboa do velho tempo — devido à pena do eminente homem de letras, sr. dr. Júlio Dantas.

A revolta brasileira

Como o govêrno se defende

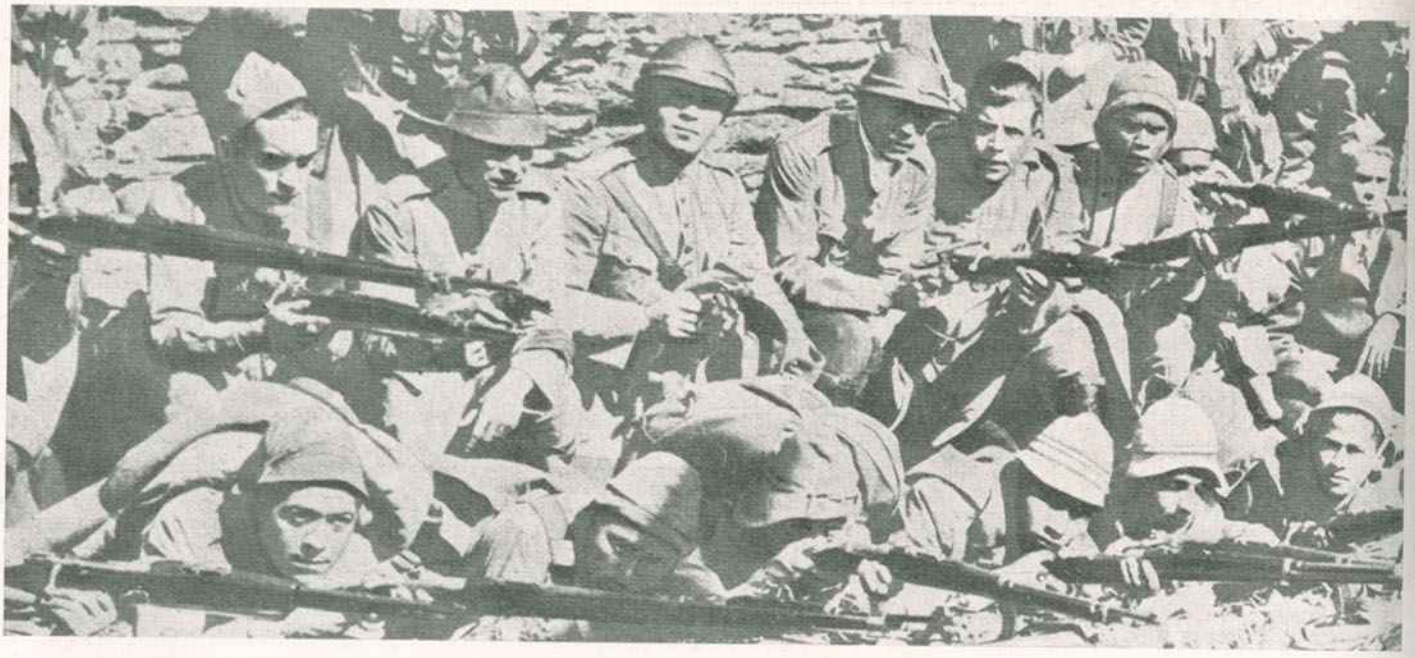
GETULIO VARGAS — O ACTUAL CHEFE DO GOVÊRNO INSPECCIONANDO A FRENTE DAS TROPAS EM OPERAÇÕES

GENERAL ESPIRITO SANTO CARDOSO — MINISTRO DA GUERRA QUE DIRIGE O ATAQUE CONTRA OS REVOLUCIONÁRIOS

GENERAL GOES MONTEIRO — COMANDANTE DAS FÔRÇAS EM OPERAÇÕES, CONVERSA COM O GENERAL ALVARO MARIANTE

A FÔRÇA GOVERNAMENTAL QUE TEVE O PRIMEIRO CONTACTO COM OS REVOLTOSOS. NO CÍRCULO, O TENENTE FRAGA RIBEIRO QUE A COMANDOU

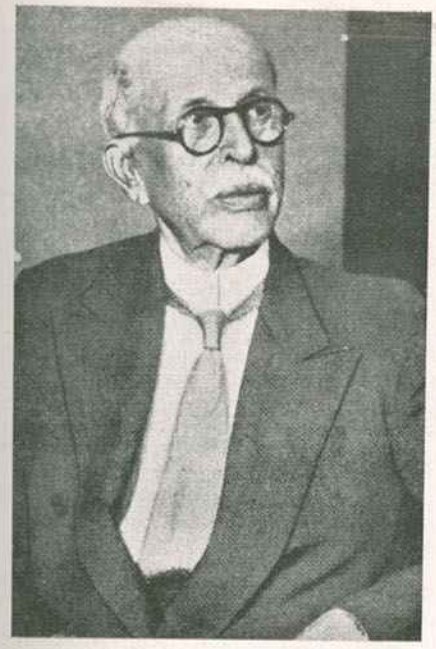
OS PRIMEIROS PRISIONEIROS FEITOS ENTRE OS REVOLUCIONÁRIOS PAULISTAS PELAS FÔRÇAS DE GETULIO VARGAS, PERTO DE S. PAULO



SOLDADOS DE INFANTARIA ENTRINCHEIRADOS AGUARDANDO O ENCONTRO COM AS FÔRÇAS REVOLUCIONÁRIAS, QUE AVANÇAM DE S. PAULO

A revolta brasileira

Os chefes do movimento



PEDRO DE TOLEDO — O CHEFE REVOLUCIONÁRIO QUE FOI ACLAMADO PELO POVO E PELAS TROPAS GOVERNADOR DE S. PAULO

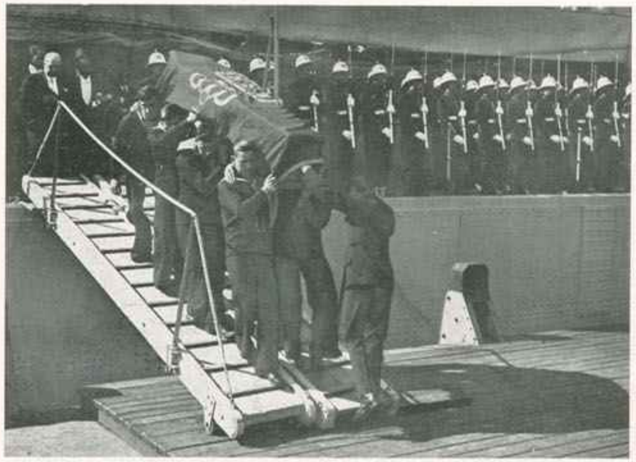
O GENERAL IZIDORO DIAS LOPES — COMANDANTE DAS FÔRÇAS REVOLUCIONÁRIAS

FRANCISCO MORATO — O CHEFE CIVIL DA REVOLUÇÃO, ANTIGO PRESIDENTE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO DE S. PAULO

UMA DAS PRIMEIRAS TRINCHEIRAS ABERTAS NOS ARREDORES DA CIDADE DE S. PAULO PELAS FÔRÇAS DE INFANTARIA QUE SE REVOLTARAM

FÔRÇAS REVOLUCIONÁRIAS, QUE VIERAM DO NORTE E FORAM ENTRINCHEIRAR-SE NA ZONA DE OPERAÇÕES, OBEDECENDO ÀS ORDENS DO GENERAL IZIDORO DIAS LOPES

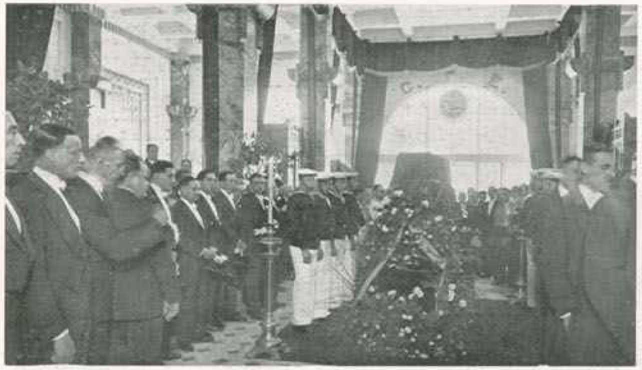
Os funerais de D. Manuel de Bragança



A urna, que contém os restos mortais do último rei de Portugal, saíndo de bordo do couraçado «Concórdia», aos ombros dos marinheiros inglêses

O estandarte real flutuando, a meia adriça, a [illegible] Lá dentro [illegible] a urna e ao centro o sr. Visconde de Asseca [illegible] o oficial inglês

O general Domingos de Oliveira, representante do chefe do Estado, o embaixador de Inglaterra e os membros do Govêrno aguardam o desembarque da urna



A urna, depois de colocada sôbre a eça, armada na sala central da Estação do Sul e Sueste, é entregue às autoridades portuguesas

O armão, passando no Terreiro do Paço, [illegible] esquadrão de cavalaria, comandado superiormente pelos srs. governador [illegible] coronel Cerdeira dos Santos

A urna foi conduzida para o armão aos ombros dos monárquicos. Na foto vêem-se os srs. Lobo Vaz de Sampaio, Silveira Ramos e Costa Pinto

A espôsa e a filha do sr. Presidente da República assistem às exéquias, em S. Vicente, na mesma tribuna onde se encontram os membros do corpo diplomático. Entre êstes, vêem-se os srs. embaixadores do Brasil e de Inglaterra, prelados, cabidos e altas individualidades

O sr. general Carmona, ao [illegible] junto do sólio do sr. Cardeal Patriarca, e os membros [illegible] assistem às cerimónias religiosas que se [illegible] de S. Vicente

Alguns elementos preponderantes da Causa Monárquica em S. Vicente. Entre outros, vêem-se os srs. Azevedo Coutinho, visconde de Asseca, marquês de Lavradio, Fernando de Sousa, conde de Mafra, conde dos Arcos e drs. Cancela de Abreu, Fernando Pizarro e Morais de Carvalho

PELO MUNDO FÓRA

Gago Coutinho

O nosso almirante Gago Coutinho encontra-se novamente no Brasil, onde vai todos os anos fazer uma visita. Tem lá amigos e admiradores. É a sua segunda pátria. Partiu há um mês no *Atlantique*. Dias depois, esperava no Rio de Janeiro o aviador brasileiro tenente-coronel Newton Braga, herói da travessia Genova-Rio de Janeiro.

Em Berlim

No dia 31 de Julho efectuaram-se, em todo o território alemão, as eleições para o Reichstag. Houve luta nas ruas e chegou a haver mortos. A polícia teve de intervir. A acção do coronel Heimannsberg, comandante da polícia, foi censurada pelo Reich, que ordenou a sua prisão, que foi, como mostra a gravura, movimentada.

A graça alheia

— A VIDA CORRE-ME TÃO MAL QUE NEM AS GALINHAS PÕEM O QUE DEVIAM PÔR...
— SIGNAL DOS TEMPOS: TÔDA A GENTE SE RETRAI...

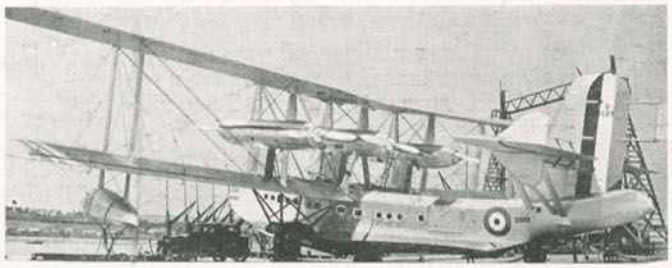
Mussolini

O cinema fixou tôdas as fases dum dos últimos discursos patrióticos de Mussolini. Publicamos quatro gestos do Duce. A política italiana, traçada pelo ditador, prossegue sem falências. Há dias houve uma outra recomposição ministerial mas Mussolini prossegue...

O desarmamento

Terminou os seus trabalhos, em Genève, no dia 23 do mês passado, a Conferência do Desarmamento. Na véspera houve um conflito com os delegados italianos que ficou sanado. Na fotografia que publicamos vêem-se os membros da delegação francesa discutindo o discurso do delegado alemão Nadolny. Da esquerda para a direita: Henriot, chefe do govêrno, o deputado Marsigly, Paul Boncour, Georges Leygues e Paul Painlevé.

Os monstros do ar



A aviação está-se desenvolvendo duma maneira formidável. Em Inglaterra acaba de se construir um avião monstro, que fica sendo o maior do mundo — excepção do D. O. X.». Foi executado sob as ordens da «British Air Ministry». Tem seis motores e é todo metálico.

General Sanjurjo

A tentativa revolucionária em Espanha foi o assunto predominante de tôdas as conversas durante a semana passada. O general Sanjurjo, republicano à data da proclamação da República no país vizinho, foi o chefe da revolta em Sevilha, onde foi prêso quando fugia para Portugal. O movimento tinha o carácter monárquico.

Conferência

A delegação britânica à Conferência Económica de Ottawa partiu já de Londres e é presidida pelo sr. Stanley Baldwin, presidente do govêrno, que se vê ao centro, sentado.

A graça alheia

— O QUÊ? O COMBOIO JÁ PARTIU?
— NÃO SE INCOMODE. AMANHÃ TEM OUTRO À MESMA HORA!

PELO MUNDO FÓRA

Gandhi

O célebre índio Gandhi, que esteve em Londres, há meses, onde as suas pernas — dizia um jornal — impressionaram mais do que as suas doutrinas, foi fotografado e caricaturado por quási todos os artistas franceses, ingleses e italianos. No Brasil, onde Gandhi não foi, apareceu, porém, um desenho de Martiniano, que impressiona pela sua originalidade, parecença e correcção de desenho. É uma obra de arte que merece a atenção dos nossos leitores.

Automóveis

O automóvel, de há anos a esta parte, tem sofrido grandes e profundas modificações no seu aspecto. O progresso tomou conta dêle e tem conseguido aperfeiçoar-lhe o exterior e torná-lo confortável. Uma casa italiana de automóveis acaba de lançar no mercado um carro que é um verdadeiro modêlo de elegância, de confôrto e de fôrça. Êste carro pode dar — dizem os construtores — a-pesar do luxo aparente, 180 quilómetros à hora.

A graça alheia

— Doutor, quanto lhe devo?
— Quinhentos francos!
— Oh! Oh! Bem dizia eu que estava muito doente!

Gorguloff

Não causou espanto a notícia da condenação à morte do russo Gorguloff, assassino do presidente Doumer. «Quem mata morre» é ainda o velho lema adoptado em França. Na gravura vê-se o intérprete, a quem os franceses dão o nome de «traducteur-juré», prestando juramento ao começar a primeira audiência. Em frente do criminoso vê-se o seu defensor, sr. dr. Henri Geraud, tendo ao lado o sr. dr. Marcel Roger, também advogado de defesa de Gorgulloff.

A França e a guerra

A Bretanha quis honrar os seus mortos. Levantou um monumento grandioso. A inauguração foi feita na presença de 100.000 antigos combatentes que empunhavam 600 bandeiras. Em Saint-Anne-D'Auray a cerimónia, durante a missa, foi imponente. As famílias dos 240.000 bretões — tais foram os que perderam a vida na grande guerra — enchiam o vasto campo onde se ergiu o monumento. A França não esquece fàcilmente os que se bateram por ela e presta-lhes sempre uma homenagem condigna.

«Lady Lindy» em Itália

Amelia Earhart — a intrépida aviadora, conhecida pelo nome de «lady Lindy» — que atravessou o Atlântico-Norte, sòzinha, num avião igual ao de Lindbergh, está em Itália. Tem sido calorosamente recebida nos meios de aviação. Na gravura vê-se a grande aviadora americana sobraçando um ramo de flores, que momentos depois foi depôr no monumento do «Ignoto Militi». Amélia Earhart está rodeada pelo general Balbo e pelo embaixador americano em Roma.

A beleza

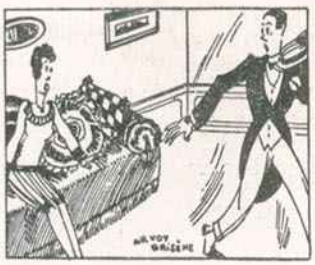
Foi na Bélgica — na cidade de Spa — que êste ano se efectuou o Concurso Mundial de Beleza. Apresentaram-se 28 candidatas da Europa e América. Portugal não se fêz representar. O título de «Miss Universo» foi dado a «Miss Turquia». O prémio era de cem mil francos.

A Taça Davis

Vines, o campeão da América, era a grande esperança do seu país para a conquista da Taça Davis. A sua anterior vitória no campeonato de Winbledon impressionára a crítica europeia, que esperava, com ansiedade, a sua luta com Cochet.

Ora Vines bateu Cochet e a França guardou o trofeu, porque, inesperadamente, o mesmo Vines se deixou bater em quatro partidas por Borotra, incluído na *equipe* francesa como seu último recurso.

A graça alheia



Ela — O papá preveniu-me: se casas com êle não te doto.
Êle — Não quero de forma alguma causar-lhe êsse prejuizo. Adeus!

SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

«CONSERVA sempre a tua boa fé», escreveu o poeta grego Phocylides.

.....

Conserva. Mas não te admires se te fugir a amante, te desaparecer a carteira, ou te chamarem parvo. É o menos que pode acontecer a quem acreditar num poeta que, se calhar, foi um desconfiadão tremendo e, talvez até, vigarista.

*

ARISTOTELES fêz um hino à virtude. Marco Bruto pouco antes de morrer exclamou: «Virtude não creio em ti: vi que não eras mais do que um vão fantasma». Ambos tinham razão. Depende apenas do que cada um considerava virtude. Um bêbado alegre dizia: «O *cognac* é a minha única virtude!»

*

OS médicos especialistas vão ser obrigados a fazer mais um curso, — o da especialidade que pretendam exercer. Como se o curso de medicina, tal qual é, não fôsse já um curso de especialidades, com prejuízo da medicina.

*

FOI Sthendal quem escreveu: «D. João, num momento de humor sombrio dizia-me em Thorn: Há só vinte variedades de mulheres, e logo que se conhecem duas ou três de cada variedade começa o fastio». Como não há-de ser assim, como não há-de vir o fastio depois de conhecer quarenta ou sessenta mulheres se às vezes uma só chega e sobra para um sujeito quási pensar no suicidio para lhe fugir!...

*

NA máquina social há sempre um nome que é o espantalho temeroso com que se mete mêdo aos povos. Há muitos anos era o Anarquismo. Ser anarquista era ser partidário da bomba, ter leis só para si, casa em Timor, e um polícia de serviço privativo arvorado em sua ordenança. Mas o anarquismo envelheceu, caíu em desuso, esqueceu e inventou-se o comunismo e o bolchevismo. Hoje quem fôr suspeito de ter ido à Rússia, ou simpatizar com os camaradas Lénine, Staline ou Trotzky, está entalado que o Torel se lhe muda para casa. Com o último até na Rússia lhe sucedia o mesmo.

*

NO gabinete do professor eminente que é o dr. Francisco Gentil, encontrei-me, há dias, com o escultor Francisco Franco, amigo e camarada de há mais de trinta anos. E entre coisas várias diz-me êle: «Há duas épocas na vida perfeitamente definidas: uma em que a gente diz: tenho muito talento, sou um génio; outra, em que se afirma: eu não valho nada, foi por acaso, são favores...». A do orgulho contundente e a do arranjado que não quere contundir. É verdade, é assim mesmo. Mas ambos nós passamos por elas sem dar por isso, tão absorvidos estavamos no trabalho, que

dá aquela rica coisa com que se compram os melões. E nós, não podemos passar sem melão.

*

SIENKIEWICZ, que também teve a sua hora de escritor da moda, escreveu: «Os meus desgostos, que algumas vezes parecem adormecidos, despertam de súbito com lancinante mágua». Tenho pensado por que diabo é que só com os desgostos sucede isto! As alegrias, essas jamais despertam. Parece que morreram as malditas que por mais que a gente faça só os desgostos estão de ôlho àlerta para nos filar».

*

DE Campoamor:

Con tal que yo lo crea,
¿Que importa que lo cierto no lo sea?

Pois claro.

*

ESTÃO em eclosão plena os crimes passionais. Uma mulher não quer viver com um homem, toma, uma facada ou um tiro, como se houvesse mulher que merecesse tal. Dizia-me o outro dia um homem a quem fugira a amante com um amigo íntimo, que pensava numa vingança trágica dos dois. Aconselhei-lhe calma e disse-lhe que a ela, a ladra que se deixou roubar, a esquecesse, e a êle, se por acaso o encontrasse, lhe agradecesse o favor de a ter levado, que levara uma boa prenda. E se achasse bem descobrisse outra, pensando já noutro amigo, que isso feito em série saíria com certeza muito mais barato.

*

«Em vão procuro a fé, em vão suplico e choro;
Só vós me consolaes, ó monstros que eu adoro,
Ó meus vicios fieis, ó meus fieis amigos!»

É de Junqueiro, mas também digo o mesmo.

*

TEIXEIRA Gomes manda-nos um livro de *Cartas a Columbano*. Prosa esplêndida, ainda bem que êle a escreveu por gôsto, pois do contrário haveria que pensar em que o presidente da República o intimasse a escrevê-la por obrigação.

*

O *menú* francês como deverá chamar-se em português? Lista, ementa, rol? Parece-nos que lista é grosseiro, e a ementa já usada não fica nada mal. Quanto ao *hors d'oeuvre* existe entre nós o *antepasto* que se contrapõe a *repasto*. Mas como *pasto* tem uma intenção animal, parece-nos que não ficaria mal *aperitivos*.

*

«SI la piedra dá en el cantaro, mal para el cantaro; si el cantaro dá en la piedra, mal para el cantaro».

Pois como queriam que fôsse?

*

UM casal de gatunos descobriu no agiota Cunha o seu cofre forte, de maneira que quando precisavam iam lá buscar dinheiro. Agora a polícia mudou o cofre do agiota de casa dos gatunos para o Banco de Portugal, visto que vai transformar o seu conteúdo em papel selado, todo escrito. E o pobre Cunha tôda a vida a esfolar o próximo e para emprestar quinze tostões a exigir um seguro de vida...

*

UMA passagem de Garcia de Orta sôbre porcelana: «...e o menos he porcelana, que vale às vezes tanto, que he mais que prata duas vezes». Com vista aos ceramistas coleccionadores.

*

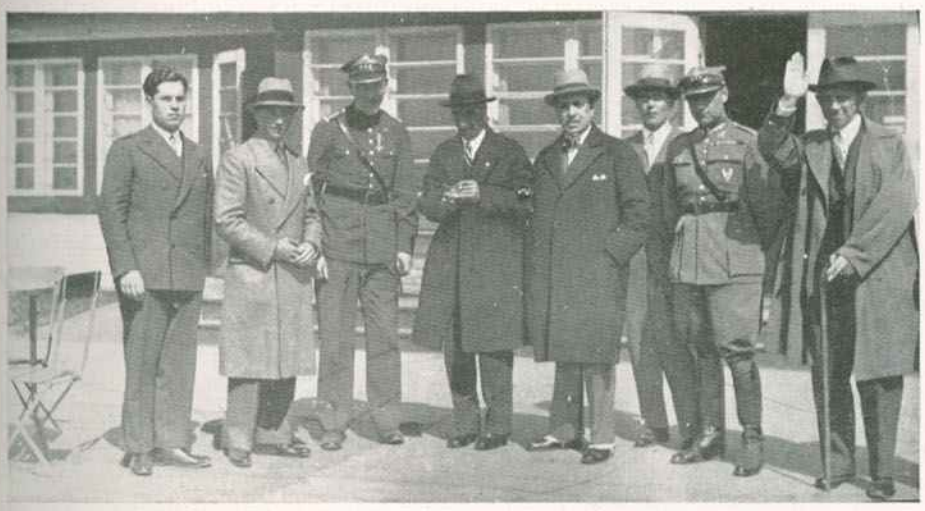
«DIZER & fazer não he para todo o homem», assevera Jorge Ferreira de Vasconcelos. Pois não é só para os linguareiros ousados que dos outros não reza a história.

Albino Forjaz de Sampaio.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

NO RIO DE JANEIRO — NA EMBAIXADA DE PORTUGAL DO RIO DE JANEIRO REALIZOU-SE, NO MÊS PASSADO, A PRIMEIRA RECEPÇÃO AO MUNDO OFICIAL E AO CORPO DIPLOMÁTICO. NOS VASTOS SALÕES DO PALÁCIO DE S. CLEMENTE, ONDE RESIDE O SR. DR. MARTINHO NOBRE DE MELO, VIAM-SE TÔDAS AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DA SOCIEDADE BRASILEIRA E DA DIPLOMACIA

EM SANTIAGO DO CHILE — O MINISTRO DE PORTUGAL, SR. DR. FERREIRA DE ALMEIDA, DEU UMA RECEPÇÃO NO DIA DE CAMÕES, A QUE ASSISTIRAM ESCRITORES, POETAS, JORNALISTAS E ALTAS INDIVIDUALIDADES CHILENAS. NA GRAVURA ACIMA VÊ-SE O NOSSO REPRESENTANTE EM SANTIAGO DO CHILE, TENDO À DIREITA A ESCRITORA ROXANE, O EMBAIXADOR DE ESPANHA E O HOMEM DE LETRAS RICARDO BAEZA, E À ESQUERDA A POETISA BRASILEIRA SR.ª D. ROSALINA COELHO LISBOA DE MILLER E O EMBAIXADOR DO BRASIL, SR. DR. RODRIGUES ALVES. NA GRAVURA DE CIMA O NOSSO MINISTRO DÁ A ESQUERDA À SR.ª D. ANITA LOPEZ QUE, NO SARAU, CANTOU EM PORTUGUÊS, E AO SR. ARTUR VIEIRA, QUE FÊZ UMA BRILHANTE CONFERÊNCIA SÔBRE «LENDAS DE PORTUGAL»



EM VARSOVIA — OS AVIADORES PORTUGUESES MAJOR ANTÓNIO MAIA E CAPITÃES MANUEL METELO E ANTÓNIO PLÁCIDO VISITARAM HÁ TEMPO O AERODROMO DE VARSOVIA. DURANTE A SUA ESTADA NAQUELA CIDADE FORAM RECEBIDOS PELO NOSSO MINISTRO SR. TOMAZ RIBEIRO DE MELO. NAS GRAVURAS VÊEM-SE OS NOSSOS PILOTOS, ACOMPANHADOS DO CORONEL RAYSKI, COMANDANTE DA AERONÁUTICA MILITAR, DO CAPITÃO RYL, CHEFE DA AERONÁUTICA CIVIL, E DO NOSSO REPRESENTANTE NAQUELE PAÍS

CINEMA

Revista das Estreias

GWILI ANDRÉ

A calmaria, que afasta o público dos cinemas, e o faz procurar divertimentos noutro género de espectáculos, começa a fazer sentir duramente os seus efeitos nas estreias. Rareiam as apresentações e baixa, de modo sensível, o grau da sua qualidade.

Não possuem as salas de espectáculos de Lisboa meios de lutar eficazmente contra as dificuldades criadas pelo clima. A despeito de todos os melhoramentos introduzidos, a renovação do ar e a conservação duma temperatura baixa não se faz ainda satisfatòriamente em nenhum cinema de Lisboa. Os sistemas de ventilação são primitivos e pouco eficazes.

Lá fora, nas grandes capitais, há muito que o problema foi estudado e resolvido. Nos grandes cinemas, o ar é renovado por poderosos processos mecânicos, filtradas as impurezas que contém e o grau de humidade e temperatura mantido nos limites mais convenientes. Nos dias estivais ou durante as noites calmosas de Agôsto, o espectador que entra numa dessas salas goza os encantos duma atmosfera primaveril. E torna-se possível ir ao cinema tomar um pouco de fresco, tal como nós nos dirigimos, melancòlicamente, a uma esplanada para beber cerveja.

A crise e a pequenez do nosso meio não permitem, porém, prever nos tempos mais chegados a introdução dêsses requintes entre nós. E a solução do problema para todos, menos para o crítico, consiste por ora em abandonar os cinemas ao seu destino durante os meses da estação calmosa.

Uma corajosa reacção contra esta rotina, que tantos prejuizos traz ao cinema, tem sido empreendida nos últimos tempos por algumas empresas alugadoras. Consiste ela em contrapor aos efeitos do calor programas de primeira qualidade. Digna muito embora do nosso aplauso, não confiamos, contudo, no êxito dessa iniciativa. Uma grande parte do público continua a temer os ambientes sufocantes das salas de projecções. E os exibidores, a-pesar dos seus bons propósitos, continuarão sempre a guardar os melhores filmes para a época em que maior remuneração lhes pode advir dêles. Para os entusiastas, para os cinéfilos aficionados, esta época de verão apresenta, porém, um singular interesse. É a época das reexibições. Alguns cinemas que não encerram as suas portas durante êstes mêses preenchem os seus programas com filmes estreados durante a época que termina. E a muitos se depara, dêste modo, a oportunidade de conhecer um filme que na ocasião da estreia passara despercebido entre a multiplicidade das apresentações.

Uma outra forma curiosa da sobrevivência da actividade cinematográfica, durante êstes mêses de estagnação, é representado pelos cinemas de esplanada ao ar livre. Diversos recintos dêsse género existem já, e a êles cumpre manter acêso no público o interêsse pelo espectáculo cinematográfico. O sonoro adapta-se com facilidade a estas condições especiais de projecção, e a reprodução de sons chega por vezes a atingir curiosos efeitos nêsses espectáculos a céu aberto.

Finalmente, uma outra solução foi proposta e realizada pelo Royal — a organização de programas mistos de cinema e variedades. Esta solução tem, especialmente, em conta certos pormenores psicológicos que tornam para o público mais aceitável, durante o verão, os espectáculos ligeiros do que os espectáculos de fundo. O problema é, na verdade, uma questão de exploração comercial. Mas a ideia parece-nos aceitável, muito principalmente na medida em que pode colaborar para atenuar os efeitos da crise que suportam os artistas teatrais. De resto, já lá vai o tempo em que os cinéfilos convictos repeliam como um sacrilégio qualquer intervenção que tirasse ao filme o lugar absoluto dentro do programa que êles julgavam dever atribuir-lhe.

SYLVIA SIDNEY

Passando agora pròpriamente às estreias do período relativo a esta crónica julgamos dever apenas destacar *Dentro da Lei*, um filme bastante medíocre que apenas pela interpretação se pode recomendar. O argumento, desenrolando-se com lentidões e afeiçoado à mentalidade *yankee*, tem quási todos os defeitos do teatro e nenhuma das qualidades do cinema. As cenas dialogadas arrastam-se, longamente, fatigando o público que só através das legendas segue a marcha da acção. Tornam-se sensíveis as deficiências técnicas da realização e da captação dos sons.

Apenas, como dissemos, o desempenho de Joan Crawford impõe o filme à nossa admiração. A conhecida artista interpreta o principal papel e fá-lo como uma grande actriz. Em muitas cenas a sua actuação é magistral, especialmente nas do interrogatório. Deixa ficar a grande distância todos os outros elementos do filme.

De resto, o papel que lhe foi confiado convém admiràvelmente ao seu tipo de beleza vigorosa e decidida, ao seu carácter de mulher emancipada e voluntariosa. Sob êstes aspectos a sua personalidade é das mais vigorosas que o cinema americano possue.

A sua dicção é perfeita, bem modulada, e impõe-na como uma artista de grande categoria.

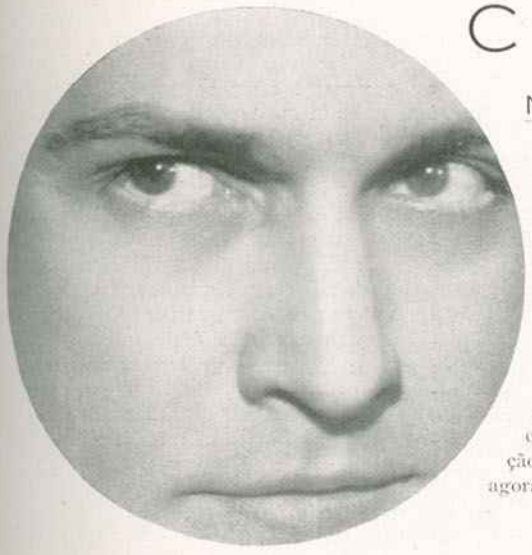
Manuel L. Rodrigues.

WILLIAM BOYD

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

O maior inimigo do cinema



FREDERIC MARCH

O maior inimigo do cinema — fique-o o leitor sabendo — não é o exibidor que faz apresentar maus filmes envoltos numa publicidade sedutora e mentirosa. Não é também o produtor que subordina tôdas as tendências nobres da Arte aos seus baixos cálculos mercantis.

Não acerta ainda se julgar que é o infeliz crítico cinematográfico, como alguns espíritos perversos afirmam. Nem tão pouco o espectador que dorme a sono sôlto durante a projecção e à saída mastiga frases de desagrado.

Não. O maior inimigo do cinema é qualquer coisa de mais terrível ainda. Uma espécie de criação diabólica que guarda ferozmente as portas dos cinemas até que as bilheteiras sucumbam de inanição. Numa palavra — é o Calor.

Todos os outros pretensos inimigos do cinema são bem deminutos em face dêle. Sofrem-lhe os efeitos os bons como os maus exibidores que vêem as suas salas desertas. Sente-lhe duramente as conseqüências o produtor, que enquanto êle dura, se contenta em fazer planos para a época seguinte, em que conta recuperar o tempo perdido. É o terror do crítico, que se vê privado de assunto, e a preocupação do espectador habituado a fazer a digestão na plateia cómoda e na obscuridade propícia do cinema.

A luta contra o calor tornou-se uma necessidade. É preciso expulsá-lo das salas dos cinemas, torná-las frescas e confortáveis. E depois disso exibir filmes alegres, filmes de praias e de campos, filmes de frescura, de flores, de música.

Os que não podem experimentar as delícias do veraneio terão assim a sua compensação.
— M. R.

卐 卐

Nossa Senhora de Paris, uma das mais populares criações de Lon Chaney, vai ser de novo posta em cena. A personagem do célebre corcunda do romance de Vítor Hugo será, desta vez, interpretada por Boris Karloff, actor de grandes caracterizações, a que já nos temos referido, e que adquiriu grande celebridade após a sua impressionante criação do monstro em *Frankenstein*.

O cenário da fachada do famoso templo parisiense, que ocupa na obra importante lugar e serviu para a filmagem do filme de Lon Chaney, é uma das mais perfeitas realizações no género. Encontra-se ainda hoje nos estúdios da Universal, onde é mostrado aos visitantes como uma curiosidade. Será essa construção que vai figurar na versão agora projectada.

卐 卐

Corre com insistência que o já tradicional par Janet Gaynor-Charles Farrell vai ser mais uma vez dissolvido. O que, de resto, não se compreende bem, depois do sucesso que o último filme dos mais famosos namorados do *écran* alcançou em terras da América.

A confirmarem-se as notícias, Janet Gaynor terá no seu próximo filme, como *leading-man*, o actor Alexander Kirkland. Por seu lado, Charles Farrell contracenará, no filme que vai interpretar, com a gentil Joan Blondel.

É muito provável que tudo isto se faça, afinal, para tornar depois mais saborosa a reconciliação.

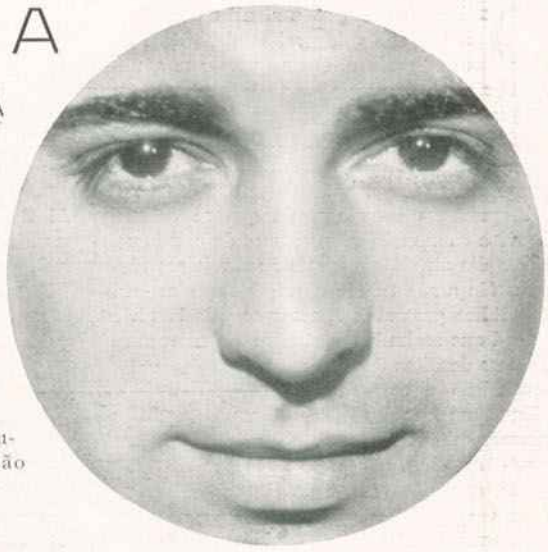
卐 卐

Georges Milton, o popular *Bouboule*, está interpretando um novo filme que tem por título *Embrassez-moi* e com que espera continuar a sua brilhante série de êxitos. O realizador é Leon Mathot e o argumento baseado numa espirituosa comédia de Tristan Bernard.

Na opinião de Leon Mathot, êste filme deve exercer grande influência na carreira do conhecido actor. Nêle, o *Bouboule* das cenas de farça, aborda um género distinto daquele que lhe tem sido reservado até aqui. O seu papel cómico terá um carácter mais requintado e, portanto, menos fácil.

Espera-se que o filme seja estreado no próximo mês de Outubro.

JEAN HARLOW



GARY GRANT

卐 卐

Há muito que se fala em que o grande cantor russo Chaliapine vai interpretar *Don Quixote* para o fonocinema. Correu até que seria Charlot o realizador dessa ópera, que promete marcar uma época na história do cinema sonoro.

O facto começa agora a precisar-se nos seus principais pormenores e a notícia da assinatura do contrato já veio a público. Será Pabst, o vigoroso realizador de *Atlântida* e *Tragédia da Mina*, quem vai dirigir a realização dêsse sensacional filme.

卐 卐

Para desapontamento dos românticos, confirma-se a notícia, há dias vinda a público, de que Chevalier se vai divorciar. A fidelidade conjugal do afortunado cançonetista não passava, pois, dum mito, que não pôde resistir ao sôpro cruel da realidade.

É pena que assim seja. A própria popularidade de Chevalier é, talvez, prejudicada pelo facto. Porque a verdade é que a constância no afecto ia bem à sua volubilidade aparente.

卐 卐

A supremacia alcançada pela produção europeia nos últimos anos, especialmente sob o ponto de vista artístico, tem a sua prova brilhante no facto que a seguir relatamos.

Uma poderosa emprêsa produtora americana adquiriu recentemente, na Europa, cópias dos principais filmes estreados nos últimos tempos. Êsses filmes destinavam-se aos estúdios da mesma emprêsa, onde estão formando programas semanais a exibir em presença de actores, realizadores e pessoal técnico do estúdio. Estas exibições, que constituem uma espécie de cursos nocturnos, destinam-se à apreciação dos filmes realizados no velho mundo, a fim de que nenhuma inovação técnica ou artística deixe de ser utilizada nos grandes estúdios de Hollywood.

Êste facto demonstra bem a perfeição artística alcançada pelo cinema na Europa.

CINEMA

O último figurino dos filmes

Os filmes, como as mulheres bonitas e os homens vaidosos, também têm os seus figurinos, que seguem com admirável rigor.

Quando um dêles topa por acaso matéria ainda não explorada e o público acolhe com entusiasmo a inovação, cria-se uma moda, surge um género novo.

A primeira grande moda que se definiu bem no cinema foi a dos filmes de *cow-boys*. Certo dia um dêsses filmes de cavaleiros rústicos fêz a sua tímida aparição nos cinemas. O público gostou. Interessou-se pela história pueril que assim lhe contavam, enterneceu-se ante as desditas da «rapariga» e extasiou-se em face das proezas do audacioso *cow-boy*. O filme, que não sabemos qual fôsse, deve por isso ter constituído um sucesso de bilheteira. Em face disso, os produtores, — indivíduos que reduzem tôda a manifestação artística a números e percentagens — entreviram no filme triunfante um rico filão a explorar. E durante muito tempo, Hollywood inundou de filmes de *cow-boys*, todos semelhantes entre si, os «écrans» do mundo inteiro.

O mesmo se repetiu mais tarde com os filmes de guerra, de que «Grande Parada» foi o sinal de partida, e a que se sucederam entre muitos outros «Nada de Novo na Frente Ocidental», «Quatro de Infantaria, etc.

Mais tarde chegou o apogeu do filme de aviação. «Asas», filme medíocre, conquistara o público pela sua novidade. Seguiu-se-lhe um sem número de produções, de grande mérito artístico umas, outras de espectaculosa realização. Algumas delas, recentemente exibidas entre nós, são: «Anjos do Inferno», «De Corpo e Alma» e «Patrulha de Alvorada».

Nos últimos tempos, a tendência dominante da produção cinematográfica inclinava-se para os filmes de *gangsters*. Não têm já conto o número de películas ùltimamente produzidas na América que tiveram por assunto as façanhas mais ou menos verdadeiras dêsses perigosos inimigos da lei. Al Capone transformou-se de criminoso em modêlo de actores e fonte de inspiração de realizadores.

Renovando-se sucessivamente umas às outras, estas modas vão pouco a pouco extinguindo-se. Os filmes de *cow-boys* vão rareando, apesar do impulso que lhes trouxe o fonocinema. Filmes de guerra constituem hoje fracos êxitos de bilheteira. E os do género de aviação são já acolhidos com um sorriso irónico ou uma indiferença sensível. Apenas os filmes de *gangsters* mantêm, por ora, melhor ou pior, o seu efémero reinado.

Que novo género lhes sucederá?

O balanço da produção em curso e da que se encontra projectada permite prever uma curiosa transformação no figurino dos filmes.

De facto, uma parte considerável dos filmes em preparação e um certo número dos que foram ùltimamente apresentados, revelam esta circunstância curiosa: os produtores dedicam-se afanosamente à realização de filmes em que a Natureza bravia tem o principal papel, isto é, aos filmes da selva, de animais ferozes, de costumes exóticos.

«Trader Horn», que constituiu um êxito, apesar de tôdas as vicissitudes que rodearam a sua realização, deve ter contribuído em larga escala para a criação desta moda cinematográfica. Outros filmes do mesmo género lhe sucederam ùltimamente, e entre êles «Tarzan, o homem primitivo», que conquistou retumbante êxito.

Duas outras produções de grande categoria acabam agora de ser apresentadas, revelando alguns pormenores cheios de interêsse da misteriosa vida nas selvas. São êles «Bring'em back alive» — que significa na tradução literal «traga-os vivos» — e «Gongorilla». O primeiro é constituído por uma impressionante série de aspectos da vida da floresta, entre os quais se contam espantosas lutas entre feras: o combate entre uma serpente-python e um tigre, outro entre a mesma serpente e um crocodilo, e a captura duma pantera por um crocodilo. O autor dêste filme especializou-se na captura de feras vivas para fornecimento dos jardins zoológicos de todo o mundo, o que explica o título do seu filme. Algumas passagens dêste revelam os processos de que se serve nas suas perigosas caçadas. «Gongorilla», a que acima nos referimos, descreve-nos a vida de alguns curiosos antropoides no interior de África. O seu valor documentário é também enorme.

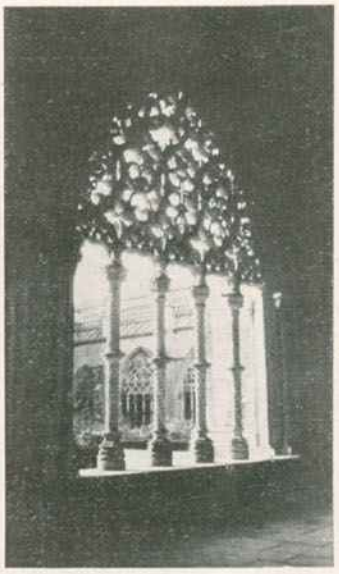
Vários outros filmes do género se encontram em preparação. Douglas realiza «Robinson Crusoé». Shoedsack terminou «A vida dum lanceiro de Bengala» e até Laurel e Hardy preparam um filme que se chamará «O Chimpazé». A hora é, pois, dos animais selvagens.

PHYLLIS CLARE, UMA ESTREANTE QUE SE PROPÕE ALCANÇAR GRANDES TRIUNFOS

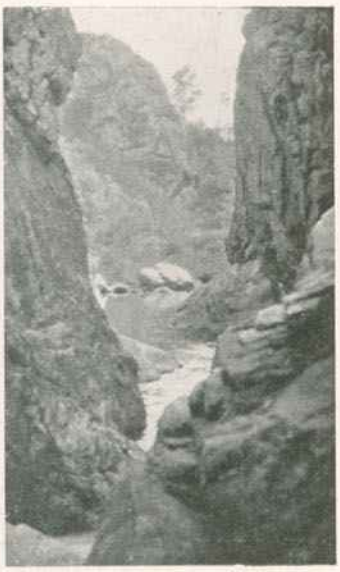
Concurso fotográfico entre amadores organizado pela "Ilustração"

308 — Trecho da Ribeira d'Alge — *(Foto do sr. Augusto Severino — Figueiró dos Vinhos)*

309 — Ponte Velha — *(Foto do sr. Luiz da Ressurreição e Silva — Mafra)*



310 — Claustro da Batalha — *(Foto do sr. Francisco Ranito Eusébio — Lisboa)*



311 — Fragas de São Simão — *(Foto do sr. Augusto Severino — Figueiró dos Vinhos)*

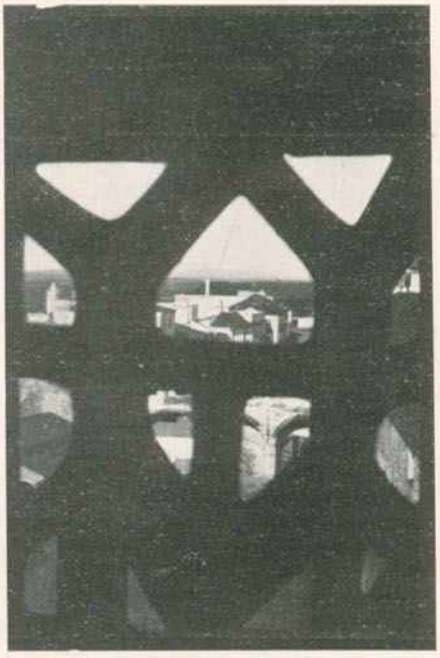
312 — Tomando paisagens — *(Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)*

313 — Pescando enguias — *(Foto do sr. Alvaro Laborinho — Nazaré)*

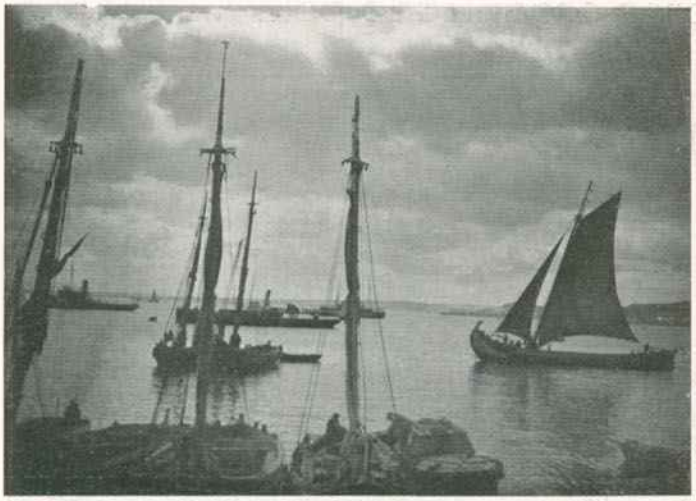
314 — Assalto ao açucareiro — *(Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)*

315 — Temporal na baía — *(Foto do sr. Frederico Lopes — Açores)*

316 — Parque — Aveiro — *(Foto do sr. João R. Marques — Luanda)*



317 — Reixas — Évora — *(Foto do sr. Fernando Batalha — Lisboa)*



318 — Rio acima — *(Foto do sr. J. M. — Lisboa)*

319 — A matança — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

320 — Arruda dos Vinhos — *(Foto do sr. Carlos S. de A. Loureiro — Lisboa*

321 — Regresso ao curral — *(Foto do sr. Henrique João da Cruz — Olhão)*

322 — Praia do Carvoeiro (Lagoa-Algarve) — *(Foto do sr. dr. Jaime da Graça Mira — Messines-Algarve)*

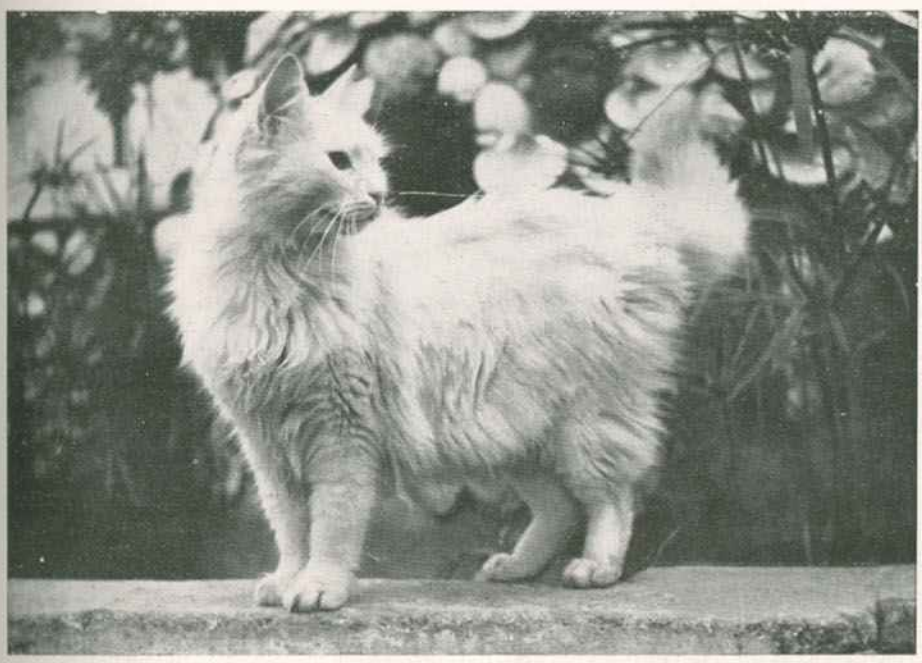
323 — Estrada do Padrão — Tomar — *(Foto do sr. coronel Azevedo e Silva — Lisboa)*

324 — Claustro — Batalha — *(Foto do do sr. Ruy Sena Pereira de Lacerda — Lisboa)*

325 — O Pinheiro — marco da vinha — *(Foto do sr. Idevor Pereira de Mendonça — Borba)*

326 — Um fôr do sol — *(Foto do sr. Augusto Severino — Figueiró dos Vinhos)*

327 — No carro improvisado — *(Foto do sr. Antonio da Silva Salavisa — Castelo Branco)*



328 — O GATO «CHARMANT» — *(Foto do sr. Mário da Gama Freixo — Lisboa)*

329 — NAMORADOS — *(Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)*

330 — CALDAS DA RAINHA — *(Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)*

331 — BARCO NO TEJO — *(Foto do sr. João R. Marques — Luanda)*

332 — LAGO NO GEREZ — *(Foto do sr. Francisco Suspiro — Coruche)*

333 — VELHO TRONCO — *(Foto do sr. dr. Jaime da Graça Mira — Mixsines-Algarve)*

334 — UM ASPECTO DO DOURO — *(Foto do sr. Gil Braga — Prado)*

AOS CONCORRENTES

Como dissémos, terminou em 31 de maio último, o prazo de entrega de provas fotográficas para o Concurso, que a **Ilustração** *organisou. Temos ainda em nosso poder cêrca de 800 fotografias, que serão publicadas até dezembro, depois de seleccionadas.*

O sorteio para os prémios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal.** *Entre êles destaca-se um esplendido* **CINE-KODAK** **oferta da acreditada Casa Kodak** *que será o 1.º Prémio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro* **1.º Prémio,** *chamado* **Prémio da Sorte,** *para a fotografia, cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.*

335 — NA FEIRA — *(Foto do sr. António da Silva Salavisa — Castelo Branco)*

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Realizou-se em Agueda, na capela da Casa de S. Bernardo, residência da sr.ª D. Paulina de Azevedo Coelho de Melo e do sr. dr. Afonso de Melo, antigo ministro e vice-presidente da Câmara dos Deputados, o casamento de sua gentil filha, D. Luíza, com o sr. dr. Amadeu Cochofel de Miranda Mendes, digníssimo conservador do Registo Predial, em Lamego, filho da sr.ª D. Leonor Cochofel Teixeira de Sousa Pinto Mendes e do sr. dr. João de Miranda Mendes, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no elegante salão de mesa um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a sua quinta do Chopal, no Douro, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Para seu sobrinho, o sr. dr. Luís Lopes Furtado, distinto advogado em Celorico da Beira, filho da sr.ª D. Conceição Lopes Furtado e do professor sr. António Joaquim Furtado e Sousa, foi pedida em casamento pelo sr. José Lopes da Conceição, a sr.ª D. Cecília Augusta Monteiro Teles Duarte, interessante filha da sr.ª D. Adelaide Nunes Monteiro Teles Duarte, e do proprietário sr. António Teles Duarte, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.ª D. Lina Nobre Silva, gentil filha da sr.ª D. Tereza de Jesus Nobre Silva e do sr. Roberto Duarte Silva, já falecido, com o sr. dr. António Augusto Pires de Carvalho, filho da sr.ª D. Armanda Claro Pires de Carvalho e do sr. dr. António Pires de Carvalho.

Foram madrinhas as sr.as D. Maria da Piedade Sarmento e D. Armanda Pires de Carvalho Levy, e padrinhos os srs. dr. Adriano Duarte Silva e Alvaro Monteiro Levy.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche da «Versailles», seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Pelo capitão-tenente sr. João Judice de Vasconcelos, foi pedida em casamento para seu filho João, a sr.ª D. Maria del Carmen Anahory, interessante filha da sr.ª D. Maria da Conceição Anahory e do sr. Mimon Anahory.

— Realizou-se na paroquial de Santo António, no Estoril, o casamento da sr.ª D. Maria Dolores Farinhas, gentil filha da sr.ª D. Margarida de Jesus Farinhas e do sr. Camilo Farinhas, com o sr. João Cruz, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Seguro Cruz e do sr. Manuel António da Cruz.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Celeste Amélia Leite Xavier e a mãi do noivo, e de padrinhos o sr. dr. Luíz Xavier e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos pais da noiva, no Estoril, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Para seu filho Luís, distinto engenheiro pela Universidade de Toulouse, foi pedida em casamento pelo capitão-tenente sr. João Judice de Vasconcelos, a sr.ª D. Maria Herminia Serzedelo de Almeida, interessante filha da sr.ª D. Ilda Celeste Pereira Serzedelo de Almeida e do major sr. Francisco António de Almeida, já falecidos.

— Em capela armada na residência da sr.ª D. Mariana Augusta de Gil Viana, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Luíza, com o sr. dr. José Afonso Botelho da Silva Branco, distinto professor do Liceu Normal de Lisboa, filho da sr.ª D. Amélia Branco e do sr. Francisco Branco.

Foram padrinhos por parte da noiva sua mãi e o sr. Artur Ribeiro Osório, e por parte do noivo seus pais, que se fizeram representar, respectivamente, por sua filha a sr.ª D. Guilhermina Branco Calheiros, e por seu genro o sr. dr. Alfredo Soares Calheiros.

Celebrou o acto religioso o reverendo cónego dr. Armando de Mesquita, que no fim da missa fêz uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Finda a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial dos Anjos, com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Ana da Silva Costa Inácio, gentil filha da sr.ª D. Guilhermina da Silva Inácio e do sr. Luís da Costa Inácio, com o sr. Alberto Costa, filho da sr.ª D. Maria Ramos da Costa e do sr. Manuel Costa.

Foram madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria Folgosa Ruas, e padrinhos o pai da noiva e o sr. Joaquim Martins Ruas.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residênica dos pais da noiva um finíssimo lanche da «Versailles», partindo os noivos depois para Bralga, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Em Trancoso, realizou-se na paroquial de S. Pedro, o casamento da sr.ª D. Ana Ermelinda de Magalhães e Menezes Vilas Boas Caldeira, interessante filha da sr.ª D. Maria Luíza de Magalhães e Menezes Vilas Boas Caldeira, já falecida, e do sr. Ernesto Coutinho de Vilhena Caldeira, com o sr. dr. José Leite Pereira de Seabra, filho da sr.ª D. Maria da Graça Grilo Leite Pereira de Seabra e do sr. dr. Antero Falcão Leite Pereira de Seabra, já falecido.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Maria do Carmo de Magalhães e Menezes Vilar, que se fêz representar pla sr.ª D. Maria da Assunção Albuquerque, e a mãi do noivo, e de padrinhos os srs. dr. Luís de Paiva Raposo Vilar, que se fêz representar pelo sr. Luís de Campos Albuquerque, e o irmão do noivo, dr. Jorge Leite Pereira de Almeida Seabra.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Ana da Silva Costa Ignacio com o sr. Alberto Costa, realizado na paroquial dos Anjos. Os noivos, com os convidados, à saída da igreja

Os noivos — sr.ª D. Maria Dolores Camilo Farinhas e o sr. João da Cruz — saíndo da paroquial de Santo António do Estoril, após o seu casamento

...Vida Feminina

A intransigência não é uma qualidade feminina, é antes um grande defeito, quando se exerce para os outros, conservando para as culpas próprias tôda a indulgência. A mulher rigorosamente honesta tem o direito de excluir da sua convivência as que o não são; mas tem o direito de o fazer de forma a não prejudicar, junto de outras pessoas, aquela que procedeu mal. Difamar uma desgraçada, abandoná-la, é obrigá-la a caír mais fundo, quando amparada, protegida, poderia regenerar-se, entrar de novo no caminho do bem. O dever da mulher honesta não é repelir as que prevaricam. O pavor ao contágio do mal só denota uma fraqueza de animo e o medo de caír nas mesmas culpas; o seu dever é amparar quem saíu do caminho direito e fazer-lhe ver com conselhos, como procede mal, e os inevitáveis sofrimentos que lhe trará essa maneira de se conduzir. Mostrar-lhe a alegria que dá uma consciência tranqüila e pura, que conserva à mulher a sua juventude. Aquilo a que muita gente chama transigência não é outra coisa senão a caridade moral, de mais valor do que a caridade material, que dá uma esmola maquinalmente. Não são só as doenças físicas que nos devem inspirar compaixão, há doenças de alma tão perigosas e tão dolorosas como as doenças do corpo, e é uma verdadeira caridade tratar êsses males e creiam que salvar uma alma do mal é uma obra muito mais meritória do que salvar um corpo, livrando-o do cancro que o corrói.

A mulher honesta prova a sua bondade, acolhendo a transviada e combatendo os maus conselhos com os bons e fazer-lhe ver que se não deve deixar arrastar pelas tentações da vida. Se se compreende que nada há a fazer, que os vícios dominam por completo a criatura, que a lama afogou por completo a «fleur bleue» do sentimento, então é deixá-la seguir pelo triste caminho escolhido, mas sem a prejudicar, apregoando aos quatro ventos as misérias morais da sua vida. A intransigência deve ser exercida para connosco mesmas. A mulher que reconhece os seus defeitos, que os combate, que os domina, que atravessa a vida com o sorriso nos lábios, é uma heroina e é uma verdadeira senhora. Quem se sabe dominar a si própria, corrigir-se, tem de ser uma boa mãi e uma educadora exímia. É nessa intransigência sã e bela, que não prejudica e antes produz os mais benéficos resultados, que está a verdadeira fôrça moral da mulher digna dêsse nome. Que importa a essa mulher as tentações que a rodeiam, o mal que as outras fazem? Se o domínio de si própria, a intransigência intima, a tornam moralmente forte e por isso mesmo indulgente para as fraquezas da humanidade. E é essa a única intransigência aceitável, a que exercemos contra nós mesmas, que nos leva a combater os nossos erros e a desenvolver as nossas qualidades.

MARIA DE EÇA.

CLEO DE MERODE

(Quadro de Giovanni Boldini)

Modas

A moda impõe-nos a variedade no trajar. De manhã uma *toilette*, à tarde outra, à noite ainda uma nova *toilette*. Em viagem não se pode usar o mesmo que num passeio e é essa variedade que faz a felicidade das costureiras, que inventam a moda, das mulheres que a usam e, sobretudo, o que é muito mais útil, o que dá trabalho a milhares de pessoas. Se assim não fôsse, o que seria das costureiras, que enxameiam pelo mundo, dos chapeleiros e das mil indústrias que a moda cria, mantém e desenvolve. É por isso que devemos inclinar-nos perante ela e obedecer às suas ordens. Satisfazendo a nossa vaidade e o nosso desejo de agradar e, ao mesmo tempo, favorecendo as pessoas que disso vivem. Damos hoje dois lindos modelos de vestido de manhã, um em *shantung* azul claro cinto de camurça azul escuro, *écharpe* azul com bolas brancas e chapéu em feltro azul escuro. A manga curta dá um aspecto de frescura a esta simples e elegante *toilette*. O outro vestido é um *tailleur* de fantasia. Saia de quadradinhos castanhos e brancos, casaco em lã castanha, cinto em couro. Um *écharpe beige* ao pescoço e chapéu em palha castanha. Muito práticas e elegantes estas *toilettes* de uma simplicidade encantadora. Damos também um lindo vestido de noite em *crêpe de Chine* branco. A saia, da máxima simplicidade, cai em *godets* simples e graciosos. O corpo, ajustado ao busto, é elegantemente guarnecido por um *drapé* que termina num laço e num ramo de flores. A outra alça é em veludo preto, o que dá a êste vestido um grande tom de frescura e originalidade. É uma *toilette* encantadora para uma rapariga nova, porque, de uma leveza encantadora, faz sobressair a mocidade radiosa da rapariga que a usar. Deve ser acompanhado de sapatos em setim branco ou em pelica prateada.

O casamento

«PROCURAI o vosso companheiro na vossa esfera social, nunca fora de essa ou noutra esfera» é o conselho que o doutor Paulo Fried, ex-chefe da «repartição dos conselhos aos noivos», instituida pelo Município de Wiesbaden, dá aos noivos. Especialmente infelizes, são os casamentos nos quais a mulher pertence a uma

esfera social superior à da homem. Porque a mulher mais dificilmente se reprime do impulso que muitas vezes a assalta de fazer sentir a sua superioridade. O doutor Fried acha que os noivos se devem conhecer e que haja alguma intimidade. Os egoistas são as pessoas menos indicadas para o casamento, são os que dão geralmente os piores conjuges. O dr. Fried goza da fama de «conciliador de matrimónios periclitantes». Em Wiesbaden são-lhe atribuidos nada menos de centenas de salvamentos de casos desesperados. «Os casamentos são como as pessoas — diz êle — podem adoecer e atravessar perigosas crises». É então necessária a intervenção de um médico hábil e consciencioso para tratar o mal. Os matrimónios podem, de facto, ser tratados e ser curados, mas o médico, no diagnóstico e no tratamento, tem de ter muito cuidado e muita paciência.

A educação infantil

CADA vez mais independente, a educação que se dá às crianças, e um dos sistemas mais interessantes é o adoptado num colégio de Kielmond, em Inglaterra, onde, com o assentimento dos professores, as crianças têm um tribunal onde são julgados os delitos que cometem, despertando assim neles o espírito de justiça. E é interessantíssimo ver como as crianças tomam a sério o seu papel, sendo raras as ocasiões em que recorrem aos professores, que devem julgar em último recurso, se a sentença é justa ou não, se é excessiva ou indulgente de mais para o caso que é julgado. Isto forma o carácter às crianças, tornando-as ao mesmo tempo de uma grande independência. Será isto um mal? Há quem diga que essa independência os despega da família, a que dantes se amparavam até tarde, mesmo até êles próprios constituirem a família. Mas nós estamos caminhando a passos agigantados para uma época de individualismo, que fatalmente nos conduzirá a uma grande modificação na vida social e talvez que então aqueles que já tiveram uma educação em harmonia com o modernismo sejam mais felizes.

De mulher para mulher

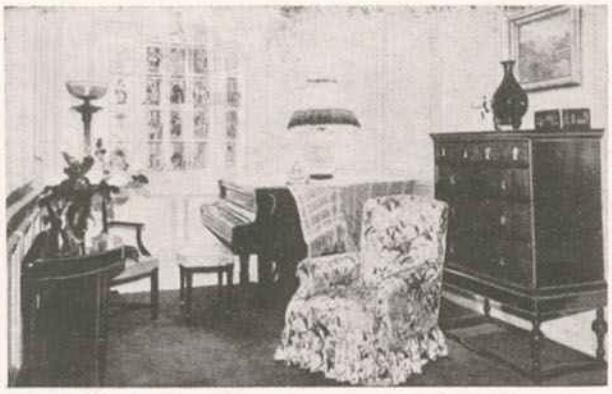
Virgínia. — Essa leviandade não condiz com o seu nome. Virgínia foi fiel a Paulo até à morte. Não creia que é modernismo, isso houve em todos os tempos e dantes essa leviandade não era aceite. Escolha um dêles, antes que a sua excessiva vaidade a não leve a sofrer um desgôsto. Creia que não é simpática a vaidade quando chega a êsse ponto.

Zéca. — Naturalmente que o Estoril é uma das praias mais *chics* do sul. Ao Casino pode ir de chapéu ou em cabelo, como quiser. Para o banho *maillot* e pijama.

Encantada. — Deve consultar o médico que vigia o bébé. Há crianças que se desenvolvem lindamente à beira-mar. Outras não se dão bem. É melhor que o médico o veja. As praias são para fazer bem à saúde. Vista-se simplesmente, ande à sua vontade, essa preocupação de *toilette* deixe-a para a cidade. Pregunta-me o que se faz lá fora? Não se vestem, passam o dia em *maillot* para se fortificarem.

A casa

COM meia dúzia de móveis e alguns *bibelots*, a mulher inteligente e de gôsto organiza uma sala de estar interessante e graciosa. O que é necessário é que êsses móveis se harmonizem entre si, que haja uma certa coesão e, sobretudo, que se note a simplicidade. Já não se podem ver, hoje em dia, essas salas *encombrées*, onde não há espaço para colocar um pé e onde, ao voltarmo-nos, tropeçamos com um móvel. A elegância hoje não reside no excesso, como acontecia antigamente, mas sim na maneira graciosa de dispôr o mobiliário. Damos hoje uma gravura em que se nota como estão bem aproveitados êsses móveis antigos numa casa inglesa do condado de Kent. A disposição, sem lhes tirar o seu *cachet* de outros tempos, dá à sala um ar moderno, verdadeiramente simpático e confortável, que dá vontade de viver nesse ambiente tão agradável que respira paz, arranjo e graça.



Receitas de cozinha

Perdiz de escabeche. — Depena-se a perdiz, limpa-se muito bem e põe-se numa caçarola com cebolas picadas, uns dentes de alho pisados, grãos de pimenta, um pouco de salsa, umas fôlhas de louro, sal e uma chávena grande de azeite frito. Refoga-se com tudo isto, até que esteja bem doirada. Depois deita-se um copo pequeno de vinho branco e um golpe de vinagre e um pouco de caldo. Tapa-se com um papel branco a caçarola e por cima a tampa e deixa-se cozer a fogo brando. Assim que a perdiz está tenra, tira-se do lume e o môlho passa-se por uma peneira para o clarificar. Põe-se gelatina a derreter, num pouco de água quente, deita-se no môlho e depois cobre-se com êle a perdiz, que se pode assim conservar todo o tempo que se quiser sem o receio de se estragar.

O crisantemo

O crisântemo, que é hoje o emblema do Japão, vem da China, onde se cultivava trinta séculos antes que fizesse a sua aparição nas ilhas do Sol Nascente. E foi com os chineses que os japoneses aprenderam o partido, que podiam tirar desta flôr, de efeitos decorativos e ornamentais, pois que antes, nas ilhas do arquipélago japonês, o crisântemo era usado só para efeitos medicinais.

Esta flor, tornada um símbolo nacional, é também o símbolo do sol, chefe da família imperial, segundo a tradição. As maravilhas que a floricultura japonesa tem podido obter com os crisântemos não se explicam, se não tomarmos em conta o carácter especial que tem a arte da jardinagem entre os filhos do Sol Nascente. Dir-se-ia que o jardineiro japonês tem um único fim. Forçar a natureza, subjugando-a, aos ideais da sua estética. É talvez por isso que o Japão é o país das flores gigantes e das árvores anãs. E é também por isso que os jardins japoneses têm, para nós, europeus, um estranho aspecto de irrealidade, que faz que só depois de uma longa estada nesse país se compreendam e se goste dêsses jardins.

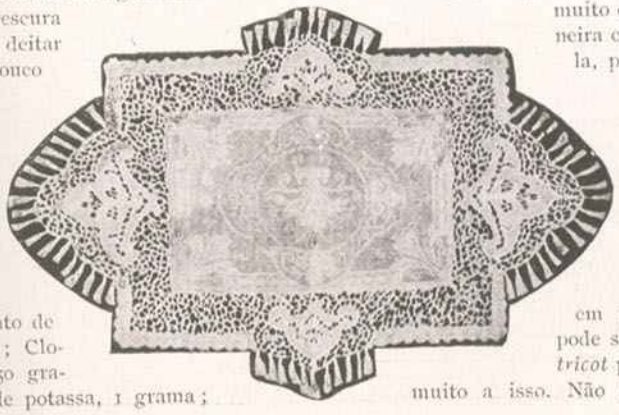
As crianças

COMO na praia a vida ao ar e ao sol se impõe às crianças, o *maillot*, trajo habitual, desbota, encolhe e só um de nada serve. Damos hoje um outro modêlo, que é muito gracioso e fácil também de executar. Calções em malha encarnada e para cima em riscas encarnadas, azuis e brancas, cinto branco. Êste *maillot* tem a vantagem de não expôr o corpo da criança demasiadamente ao sol, porque se há crianças para quem isso tem uma enorme vantagem, outras

há que, fraquinhas, a mais pequena aragem as pode resfriar, e não devem andar extremamente expostas. É necessário que as mãis tenham o maior cuidado em vigiar o organismo dos filhos e saibam ver o que lhes convém e que o que a uns faz bem a outros pode prejudicar extraordinàriamente. Aí fica o modêlo, que não é menos gracioso que os calçõezinhos só com alças e que tornará encantador qualquer bébé.

Higiene e beleza

De todos os tratamentos para a conservação da beleza, em geral, o primeiro são os banhos. A água é um dos factores mais importantes para a beleza feminina. A mulher que toma banho todos os dias pode ter a certeza que conservará até tarde a sua juventude. Não se deve tomar banho antes de terem passado três horas sôbre a última refeição. A melhor hora de fazer o banho é de manhã. Para as senhoras que têm os seios flácidos é conveniente, em seguida ao banho em água morna, duchá-los com o aparelho próprio, com água fria. Quem sofre de insómnias deve tomar, antes de se deitar, um banho de imersão em água morna. Para dar frescura e beleza à pele, deitar no banho um pouco da seguinte mistura: Carbonato de soda, 250 gramas; Fosfato de soda, 10 gramas; Sulfato de soda, 5 gramas; Borato de soda, 5 gramas; Cloreto de soda, 50 gramas; Yoduro de potassa, 1 grama; Sulfato de ferro, 1 grama; Oleo de alfazema, 5 gramas; Oleo de loureiro, 5 gramas; Oleo volátil de romeiro, 10 gramas.



Trabalhos femininos

É indispensável que numa casa se note a mão feminina, vendo-se êsses trabalhos encantadores que a alindam, que a compõem e que a tornam o verdadeiro lar. Damos hoje às nossas leitoras um lindo modêlo de *napperon* em renda de *filet* e de Milão. O centro é em *filet*. O *filet* faz-se executando primeiro a rede com os quadrados do tamanho que se quer e depois borda-se, tendo prèviamente posto a renda num bastidor. A renda de Milão faz-se com um *lacet* especial, que se cose num desenho, pelo mesmo sistema da renda inglesa. Os quatro cantos dêste trabalho são ornados por uma renda em tule bordado e é completada por uma graciosa franja que lhe dá muita vida. É uma linda guarnição para a mesa e tem mesmo várias aplicações, porque, como é um lindíssimo trabalho, em tôda a parte fica bem e realça.

O breviário dos turistas

A *Independence Belge* publica os seguintes breves conselhos para os turistas, que não hesitamos em dar às nossas leitoras, porque nesta época do ano, em que tanto se viaja, são utilíssimos. Ei-los: «Não adiar as vossas viagens para quando fordes muito velhos. Aqueles que começam a viajar novos, fazem-no até ao dia em que ficam físicamente incapacitados. Os que partem numa idade avançada perdem numerosas vantagens das viagens. Não partir sem levar dinheiro dos países que visitareis. Não espereis encontrar hoteis a preços fixos, quando as condições cambiais não são estáveis. É uma impossibilidade material. Não espereis encontrar sabonete nos quartos dos hotéis. Não reserveis quartos sem os pagar. Não hesiteis em pedir o que vos fôr necessário: os hoteleiros ficam felicíssimos quando lhes indicam alguma coisa que falta no seu hotel. Não leveis um número de bagagem excessiva. É uma coisa incómoda. Não esqueceis de pôr nome e morada na bagagem. Não useis em viagem sapatos apertados ou que vos incomodem. Escolhei os companheiros de viagem, não viageis com pessoas que tenham gostos diferentes dos vossos. Seria a viagem um tormento.»

Blusa em malha

Nas blusas em malha estão sempre aparecendo novidades, damos hoje um lindo modêlo em linho e seda. Riscas beije em linho e riscas azuis escuras em seda. Em volta do pescoço tem uma gola em *tricot* rendado do mais gracioso efeito. Tem meia manga, o que é muito cómodo. É muito engraçada a maneira como fecha a gola, passando-lhe por cima uma tira, que abotôa com botões ao lado. Fica-lhe muito bem o cinto em camurça azul. Esta blusa, em malha Dubied, pode ser executada ao *tricot* porque se presta muito a isso. Não esquecer nunca que para executar estas blusas ao *tricot* é necessário fazer primeiro um molde, de medidas seguras e certas, devendo em tudo guiar-se por êle. Nestas blusas de meia manga é necessário fazer cava na blusa, porque senão as mangas não podem assentar bem. E é necessário que, ao fazer as mangas, haja o cuidado de fazer com que estas tenham a medida exacta das cavas, porque seria muito feio ficarem franzidas.

A dansa

Pouco tempo depois de ter aparecido o baile, o «passo do camelo», eis que surgiu no horizonte americano uma outra dansa: o «Stomp» ou, para ser mais precisos, o «Stomp de Clara Bow», pois que foi lançado pela conhecida estrêla cinematográfica. A

dizer a verdade, êste novo aspecto da dansa moderna não parece que possa constituir matéria digna de ser considerada... com dignidade científica. Mas como numerosas revistas estrangeiras se ocupam extensamente dêsse assunto e fazem detalhadas descrições e críticas em volta do «Stomp», vamos dar algumas indicações da nova dansa para uso dos seus eventuais apaixonados. Dizem as revistas estrangeiras, que quem quer dansar o «Stomp» tem de observar dez pontos capitais: 1.º Pôr o pé esquerdo adiante e o direito atrás, o braço direito levantado à altura dos ombros e o esquerdo sôbre a anca. 2.º Andar para diante e para trás com o pé direito parado e fazendo um meio círculo com o esquerdo. Ambos os joelhos ligeiramente curvos. 3.º Pôr o pé direito adiante, apoiando primeiro o tacão e em seguida a ponta do pé. 4.º Apoiar-se no pé direito, lançando para diante o esquerdo, tocando no chão com os tacões e assim seguidamente.

DOS LIVROS

Por ocasião da Feira do Livro, que o mez passado se efectuou em Madrid, realizou-se na Academia de Belas Artes daquela cidade, presidida pelo conde de Romanones, uma cerimonia a que assistiram todos os membros das diversas academias espanholas.

O conde de Gimeno proferiu um discurso exaltando a gloria do livro, e no decorrer do qual citou todas as bibliotécas destruídas em conseqüencia de guerras ou de revoluções. Perderam-se nesses acontecimentos os 300 mil volumes da bibliotéca de Alexandria, os 200.000 volumes da de Pergamo, os 100.000 volumes da Bibliotéca Constantina, as riquissimas colecções gregas e as de Cicero e Lucullo; os 200.000 volumes da Bibliotéca Arabe, de Cordova. Das oitenta tragédias de Eschylo, só restam sete.

Em tempos menos remotos, Cromwell destruiu a Bibliotéca de Oxford; os exercitos de Napoleão a de Saragoça, e os obuzes alemães a de Strasburgo.

ONDE ESTARÁ O CAÇADOR?

UM CARTAZ

Acabam de erguer em Nova York, no centro de Madison Square, um gigantesco cartaz de 20 metros de altura por 24 de largura. É composto de 115 letras de dois metros cada uma, formadas por 1.500 lampadas electricas de diversas côres. É necessario um motor de cento e sessenta cavalos para dar ao novo cartaz todo o seu brilho.

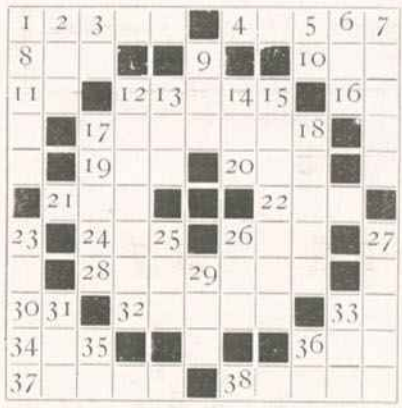
Este cartaz electrico, absolutamente único no mundo, é igualmente o mais dispendioso.

A TERRA AUMENTA

A terra está engordando e tende a ficar obesa; a sua volta de cintura está sempre aumentando.

Com a ajuda de cálculos irrefutaveis, os sabios norte americanos acabam de provar que desde 1856 o raio do equador aumentou de 42 kilometros e meio.

PALAVRAS CRUZADAS



Horisontais

1 — Quente. 4 — Costurar. 8 — Verme da carne. 10 — Letra do alfabeto. 11 — Preposição e artigo. 12 — Apartamento. 16 — Artigo. 17 — Embriaguez. 19 — Centésimo da pataca. 20 — Advérbio 31 — Preposição. 22 — Arco pequeno. 24 — Corrente de água. 26 — Espécie de enguia. 28 — Pastagem. 30 — Nota de música 32 — Espécie de ilha de verdura. 33 — Letra do alfabeto. 34 — Advérbio. 36 — Remate. 37 — Curar. 38 — Viela.

Verticais

1 — Peixe de água doce. 2 — Desinência aumentativa. 3 — Pelo de carneiro. 5 — Conjunção. 6 — Gavinha. 7 — Sobra. 9 — Caridoso. 12 — Barco estreito e comprido. 13 — Senhor. 14 — Deusa. 15 — Tornar claro. 17 — Leito pobre. 18 — Substância derivada do dermatol. 23 — Naipe 25 — Indígena do interior de Madagascar. 26 — Advérbio francês. 27 — Doutor de lei. 29 — Parte do corpo das aves. 31 — Época. 33 — Sinal gráfico. 35 — Viração. 36 — Virtude teologal.

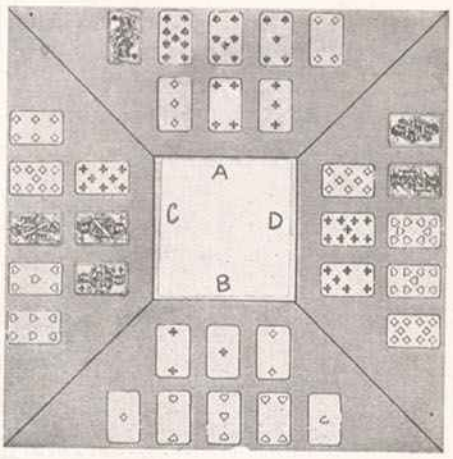
UM ANTIGO PROBLEMA DE XADREZ

(Solução)

1. T × P R + 1. R 5 B R

Depois dêste primeiro movimento excessivamente violento as Brancas já podem jogar D 6 R, e quer as pretas aceitem ou não a Dama que lhe oferecem, no movimento imediato, dão-lhe mate.

PROBLEMA DE BRIDGE



Trunfo é espadas. B é mão e faz todas as vazas

OS SETE DISCOS

(Solução)

O menor numero de movimentos necessários para resolver este problema, é de 127.

O PETIZ (*a quem a mãi acabou de ralhar*): — Ó paisinho, que rico tempo nós haviamos de passar a fazer tudo quanto quisessemos, se tu não tivêsses casado com a mamã!

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	J	O	N	I	A		G	A	T	O	S
II	A	R	A	R		M		P	A	T	A
III	N	A	T	A	L	I	C	I	O		P
IV	O	C	A	R	I	N	A	S		M	A
V	T	U			S	I	R		P	A	T
VI	A	L	E	R	T	A		C	O	C	O
VII		O	F	E	R	T	A		T	A	
VIII	A		E	M	A	U	S		E	C	A
IX	M	O		A	R	R	I	O		O	U
X	O	C	O			A	A		M		G
XI	R	A	T	A	S			N	I	N	E

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras* **14$00**, *pelo correio* **15$00** — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza** — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30$00

Pelo correio, registado, mais **2$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . **12$00**
Encadernado . . . . . **16$00**

PEDIDOS Á
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A saír brevemente a 7.ª edição, revista

O ultimo olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado . . . **12$00**
Encadernado . . . . . **16$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

POR **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em tôdas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se fàcilmente pelo número das edições, que ràpidamente se exgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BÍBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrúpulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espírito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as bôas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espírito da mulher.

Com êste livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE ENC. 17$00; BR. 12$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTISSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10$00**

Á venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . . . 7$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

A' VENDA EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS

A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10$00
encadernado » 14$00

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75–LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS

DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40$00; br. . . . . 30$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. . . . **12$00** / encadernado . **16$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notaveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Conselhos Práticos

PARA TORNAR O MARFIM NEGRO

Deitam-se num litro de bom vinagre 125 gr. de noz de galha pulverizada e a mesma quantidade de cascas de nozes; reduz-se tudo a metade e faz-se cozer o marfim nesta tintura.

Obter-se-á uma bela côr negra, mergulhando o marfim, durante algum tempo, numa solução d'alumen em água.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. . .	30$00	60$00	120$00
(Registada).	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada).	—	69$00	138$00
Espanha e suas colonias	—	63$00	126$00
(Registada).	—	67$50	135$00
Brasil.	—	66$00	132$00
(Registada).	—	75$00	150$00
Outros países.	—	75$00	150$00
(Registada).	—	84$00	168$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado. . . . . 10$00
encadernado . . . . . 14$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
—**Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10$00
Encadernado **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado . . . . . **20$00**
Encadernado. . . . . **28$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
Esc. **25$00**

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

BOLACHAS
A GRANDE
MARCA
PORTUGUESA
Variadas e
saborosissimas
qualidades
UM UNICO FABRICO
O MELHOR
NACIONAL

Proteja a saude de sua familia instalando em sua casa um

GENERAL ELECTRIC

Refrigerator

A marca GENERAL ELECTRIC é a melhor garantia de boa qualidade d'um aparelho electrico

Os alimentos sempre em perfeito estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorifico simplificado

Uma simples tomada de corrente basta

O Refrigerator automaticamente fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.da

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º – LISBOA – Telef. 25347

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18